





Amanda Ribeiro Marques  
Luiz Fernando Nascimento Menezes

**Me disseram que haveria sangue:  
A crise de identidade da PM Brasileira**

Relatório final de Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a aprovação na disciplina Projetos Experimentais ministrada pelo **Prof. Fernando Antônio Crócomo**, no segundo semestre de 2016.

Orientador: Rogério Christofolletti

Florianópolis  
Junho 2016



<b>FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC</b>		
<b>ANO</b>	2016	
<b>ALUNO</b>	Amanda Ribeiro Marques e Luiz Fernando Nascimento Menezes	
<b>TÍTULO</b>	Me disseram que haveria sangue: A crise de identidade da Polícia Militar	
<b>ORIENTADOR</b>	Rogério Christofolletti	
<b>MÍDIA</b>	X	Impresso
		Rádio
		TV/Vídeo
		Foto
		Web site
		Multimídia
		Pesquisa Científica
		Produto Comunicacional
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)
		X Produto Jornalístico (inteiro)
	Reportagem livro-reportagem (X)	( ) Florianópolis ( X ) Brasil ( ) Santa Catarina ( ) Internacional ( ) Região Sul País:
<b>ÁREAS</b>	Jornalismo em quadrinhos, Segurança Pública.	
<b>RESUMO</b>	<p>Em setembro de 2015, a relatora da Organização das Nações Unidas (ONU) Rita Izsáck pediu ao Governo Brasileiro que desse fim à Polícia Militar (PM), devido aos altos índices de violência policial no país — o dado oficial é de que morrem cinco pessoas por dia vítimas de policiais militares. Esse é apenas um dos motivos pelos quais a corporação enfrenta uma crise de reputação atualmente no Brasil. Foco na repressão e não na prevenção, afastamento da comunidade e denúncias de abusos morais dentro da instituição, são outros fatores. “Me disseram que haveria sangue” é um trabalho de conclusão de curso que tem como objetivo explicar as razões por trás da crise e desmistificar algumas questões que transformam o policial militar em ameaça, em inimigo da população civil. Para isso, foram entrevistados policiais, especialistas em Segurança Pública e jornalistas dos estados de Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro. O trabalho tem forma de um livro reportagem em quadrinhos e está dividido em sete capítulos, cada um com uma questão específica a ser contextualizada e problematizada: 1) Os principais perigos da atividade policial e suas consequências; 2) Problemas físicos e estruturais da instituição; 3) Propostas de reforma do atual modelo de Segurança Pública; 4) Como a imagem do policial é construída</p>	

	pela mídia; 5) Um dia na vida de um policial; 6) Violência policial e suas consequências; e 7) Cultura da violência e propostas de solução.
--	---







*Para os que sofrem por serem policiais  
e os que sofrem com os policiais*

## AGRADECIMENTOS

Aos nossos pais, Helena e Ronaldo e Maria Helena e Elcio Mariano, que possibilitaram que chegássemos até aqui e apoiaram nossas decisões.

Aos professores do curso de jornalismo, em especial ao nosso orientador Rogério Christofolletti, pelas leituras, a experiência, os ensinamentos, as críticas e, principalmente, a paciência.

Aos professores do design Clóvis Geyer e Mário César Coelho, que nos ajudaram a ver o desenho de outra maneira, melhorar nossa técnica e aumentar nosso repertório de quadrinhos.

Aos inúmeros amigos, dentro do curso e fora dele, que acabaram nos ensinando tanto quanto (ou mais que) os professores. A Natália Huf, pelos rolês gastronômicos, pelo suco de uva de Videira, por nos emprestar milhões de livros, apesar de saber que demoramos séculos para devolver, e por sempre reservar um horário da sua rotina de milhares de créditos de aulas e atividades para jogar conversa fora. A Paula Barbabela, pelas paletas de cores, os *templates* de *slides*, por instalar o Messenger no celular só para falar com a gente e nos mostrar que, por mais que sejamos loucos, nunca vamos ser loucos sozinhos. A Rafael da Costa, pela notável qualidade de ser a pessoa mais ranzinza da face da Terra e mesmo assim ser um dos melhores seres humanos que já conhecemos. A Janssen Vasconcelos, por ter sempre uma boa observação sobre tudo e ver filmes italianos de três horas de duração com a gente sem reclamar. A Tiago Ghizoni, por ter aguentado a falta de habilidades do Luiz no League of Legends e ser definitivamente a pessoa com o melhor coração da face da Terra. A Elva Gladis que, mesmo não aparecendo nunca e deixando os amigos de lado por conta do trabalho, não deixa de ser quase uma irmã para a gente. A Guilherme Pereira, por substituir a figura paterna e suprir nossa dose diária mau-humor. A Giulia Gaia, por ser a Giulia e nos cobrar mais visitas maravilhosas à Fairyland. A Marina Simões, pelas fotos de comida no Instagram, os homens *shirtless* e por sempre ser nossa representante em qualquer coisa que envolva levantar a mão para falar alguma coisa em voz alta durante a aula. A Marina Oliveira, pela paciência de ter lido todo o trabalho, impresso em rascunho rápido e em preto e branco, sem ter cobrado nada por isso e nem reclamar (pelo menos não para nós). A Débora Baldissera, pela parceria em todas as jantinhas e filmes durante

essa graduação e por nos mostrar que Videira é o melhor lugar do mundo. À equipe do Insira a Ficha que, mesmo sendo a mais desorganizada da universidade, faz um dos melhores programas da Rádio Ponto UFSC. E às equipes do Zero de 2015.1 e 2015.2, porque, por mais clichê que isso pareça, foi com eles que aprendemos a ser jornalistas.

À Pepper que, mesmo sendo o demônio em forma de gata, foi quem nos impediu de enlouquecer durante o processo de produção desse trabalho.

Finalmente, aos entrevistados, que tiveram paciência para responder às perguntas e tirar as nossas infinitas dúvidas. Esperamos que nosso livro consiga, de alguma maneira, melhorar as condições dessa profissão extremamente importante e tão pouco reconhecida.



## SUMÁRIO

<b>1. RESUMO</b>	<b>13</b>
<b>2. APRESENTAÇÃO DO TEMA</b>	<b>14</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA DO TEMA E DA MÍDIA IMPRESSA EM QUADRINHOS</b>	
3.1 Por que Polícia Militar? .....	19
3.2 Por que jornalismo em quadrinhos? .....	21
3.3 Por que não seguir Joe Sacco? .....	23
<b>4. PROCESSO DE PRODUÇÃO</b>	
4.1 Pré-produção .....	26
4.2 Apuração .....	30
4.2.1 Fontes .....	31
4.2.2 Documentos .....	37
4.2.3 <i>Clipping</i> .....	41
4.3 Produção .....	41
4.3.1 Roteiro .....	42
4.3.2 Diagramação e Notas .....	52
4.3.3 Desenho .....	52
4.3.4 Capa .....	55
4.4 Impressão .....	57
<b>5. RECURSOS</b>	<b>58</b>
<b>6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS</b>	<b>60</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>62</b>
<b>8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b>	<b>64</b>
<b>9. ANEXOS</b>	
Anexo 1: Roteiro do Capítulo 1 .....	69



## 1. RESUMO

Em setembro de 2015, a relatora da Organização das Nações Unidas (ONU) Rita Izsáck pediu ao Governo Brasileiro que desse fim à Polícia Militar (PM), devido aos altos índices de violência policial no país — o dado oficial é de que morrem cinco pessoas por dia vítimas de policiais militares. Esse é apenas um dos motivos pelos quais a corporação enfrenta uma crise de reputação atualmente no Brasil. Foco na repressão e não na prevenção, afastamento da comunidade e denúncias de abusos morais dentro da instituição, são outros fatores. “Me disseram que haveria sangue” é um trabalho de conclusão de curso que tem como objetivo explicar as razões por trás da crise e desmistificar algumas questões que transformam o policial militar em ameaça, em inimigo da população civil. Para isso, foram entrevistados policiais, especialistas em Segurança Pública e jornalistas dos estados de Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro. O trabalho tem forma de um livro reportagem em quadrinhos e está dividido em sete capítulos, cada um com uma questão específica a ser contextualizada e problematizada: 1) Os principais perigos da atividade policial e suas consequências; 2) Problemas físicos e estruturais da instituição; 3) Propostas de reforma do atual modelo de Segurança Pública; 4) Como a imagem do policial é construída pela mídia; 5) Um dia na vida de um policial; 6) Violência policial e suas consequências; e 7) Cultura da violência e propostas de solução

**Palavras-chave:** Crise de identidade, Desmilitarização, Jornalismo em Quadrinhos, Polícia Militar, Segurança Pública.

## 2. APRESENTAÇÃO DO TEMA

A Polícia Militar brasileira mata muito. De acordo com os dados oficiais<sup>1</sup>, em 2014, 3.009 pessoas foram mortas decorrentes de intervenção policial, um número 37% maior do que em 2013. Em 1992, quando ocorreu o maior massacre policial da história brasileira, a chacina do Carandiru, que fez 111 vítimas, o número de assassinatos cometidos por policiais foi de 1428, menos da metade dos números atuais. E isso é, talvez, o que mais preocupa; além de matar muito, a PM brasileira mata cada vez mais.

O Federal Bureau of Intelligence (FBI), órgão de inteligência voltado à Segurança Nacional dos Estados Unidos, criou um método para determinar se a polícia está agindo dentro da legalidade ou cometendo abusos. Ele se baseia na relação entre o número de civis mortos e o de policiais mortos durante o serviço. Se o número de civis for muito maior que o de policiais, é provável que estejam ocorrendo abusos. Segundo o pesquisador brasileiro de Segurança Pública Ignácio Cano (1997), a proporção considerada legal seria a de 4 civis mortos para 1 policial morto. Os dados brasileiros fogem do padrão: são 5 civis mortos para cada policial.

A diferença pode até não parecer tão grande, mas o problema reside justamente nos dados oficiais: a Polícia Militar brasileira não é transparente. Enquanto alguns estados não contabilizam da mesma forma que os outros o número de homicídios dentro ou fora do serviço policial, outros simplesmente se recusam a colaborar com as pesquisas e enviar os dados. Existe também, é claro, a possibilidade de os dados enviados não serem os corretos, já que não existe pressão do Ministério Público nem de nenhum outro órgão para que os números sejam precisos.

É claro que a rotina dos policiais militares também não é fácil, e as condições de trabalho e o cotidiano estressante contribuem para que o número de suicídios de policiais seja quatro vezes maior que o número de suicídios cometidos civis. Os PMs também morrem muito, dentro do trabalho ou fora dele. Em 2012, um policial morria a cada 32 horas no Brasil. Hoje os números provavelmente são maiores, porque a polícia que mata mais também morre mais. Segundo a ONG Human Rights Watch (2016), o número elevado de mortes decorrentes de intervenções policiais acaba tornando o trabalho do PM mais perigoso, até para aqueles que agem dentro da lei e não cometem

---

<sup>1</sup> 9º Anuário de Segurança Pública (2015).



execuções extrajudiciais. A reputação de PM assassina faz com que os bandidos não se rendam tão facilmente; afinal, sabem que, na melhor das hipóteses, serão torturados antes de chegar à delegacia.

Essa imagem de PM violenta foi se estendendo aos poucos entre a maior parte dos grupos da sociedade civil, mesmo os que não estavam no alvo da truculência da ação policial. Durante as manifestações de 2013, uma série de atos de violência cometidos por policiais em nome da ordem pública ajudaram a reforçar o clima de animosidade contra a PM. Atualmente, pode-se dizer que, pelo menos na maior parte da sociedade, a Polícia Militar brasileira sofre de péssima reputação. Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), divulgada em 2015, só 37% dos brancos e 30% dos negros confiam nas polícias<sup>2</sup>.

Essa falta de confiança resulta em rompimento e um isolamento dos policiais do restante da sociedade. A PM se fecha, se coloca na defensiva, e o debate que poderia ajudar a resolver problemas se torna superficial e repleto de justificativas pessoais. Atualmente, a batalha se resume à sociedade civil criticar a polícia porque é violenta e mata muito, e colocar na conta das forças policiais a maior parte dos problemas da Segurança Pública brasileira; e à PM se defender dizendo que setor nenhum da sociedade sofre como eles e que ninguém imagina o sofrimento que é a vida de um policial militar.

É claro que nenhum dos argumentos é inválido; o problema é que o debate — ou a troca de ofensas, como preferir — se torna superficial e não atinge a verdadeira raiz dos problemas do sistema de Segurança Pública brasileiro. O antropólogo Luiz Eduardo Soares atribui essa superficialidade à falta de informação que a população em geral tem sobre segurança, e a maior culpada por esse problema é a cobertura da mídia:

“Na área da segurança pública não há nenhum espaço, salvo raras exceções, para que matérias jornalísticas de fôlego e profundidade comecem a preparar a opinião pública para os verdadeiros impasses, para as verdadeiras questões. Isso existe, mas é muito raro, e, portanto, nós nunca conseguimos qualificar a opinião pública em relação aos debates da segurança.” (DIAS, 2015<sup>3</sup>)

---

<sup>2</sup> Índice de percepção do Cumprimento das Leis (IPCLBrasil), pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas em 2015.

<sup>3</sup> Documento eletrônico não paginado.

Com a cobertura focada nas consequências dos problemas do modelo de segurança, e não nos problemas em si, não é possível qualificar o debate e transformá-lo em uma maneira de solucionar os embates entre a Polícia Militar e a população. Essa cobertura também ajuda a afastar os policiais da população, na medida em que, se sentindo constantemente prejudicados pela cobertura da mídia, eles se afastam dos próprios jornalistas. Pudemos sentir isso durante a produção desse trabalho: grande parte dos policiais militares que contatamos simplesmente não nos responderam. Outros recusaram entrevista, outros responderam às perguntas em uma postura tão defensiva que não conseguimos extrair quase nada de relevante para o trabalho, e outros mentiram — em uma tentativa de proteger a todo custo a imagem da PM — deliberadamente durante quase toda a entrevista. Essa situação de afastamento, que pode se mostrar como indiferença, é outro fator que acaba afastando mais ainda a Polícia Militar da população.

Nosso objetivo, durante esse trabalho, foi nos focar justamente no que a mídia — seja por falta de tempo, espaço ou interesse — não questiona a respeito da Segurança Pública. Mais importante do que apenas mostrar que nossa polícia é violenta e reproduz desigualdades sociais, raciais, de gênero e de classe econômica, devemos nos perguntar: por que ela é assim? O que construiu a Polícia Militar, o que construiu o modelo atual de Segurança Pública? Quais são seus problemas, suas brechas? Quais são as dificuldades dos policiais, por quais problemas passam, desde a academia até o trabalho nas ruas? Quais são os problemas de regimento da PM que possibilitam corrupção, violência e assédio dentro da instituição? Como funciona a cobertura da mídia quando o assunto é Segurança Pública? Por que nossa polícia é violenta? E, por fim, qual é a parcela de culpa que todos nós temos na construção de forças policiais truculentas?

### 3. JUSTIFICATIVA DO TEMA E DA MÍDIA IMPRESSA EM QUADRINHOS

#### 3.1 Por que Polícia Militar?

A Polícia Militar brasileira mata muito e morre muito. Como dito antes, essa frase por si só resume a cobertura midiática da Segurança Pública. A maioria das notícias relacionadas ao tema discorrem sobre uma intervenção que acabou em morte (não importa de que lado), sobre um assassinato fora de serviço ou sobre denúncias de violência policial. Atualmente, a pauta mais fácil de se encontrar nos jornais é o abuso de poder dos policiais nas manifestações, com fotos de agressões, pessoas chutando bombas e manifestantes sendo arrastados por homens fardados.

E, mesmo assim, ninguém quer debater sobre os problemas da instituição ou possíveis melhorias. Os jornais esquecem as causas e só se preocupam com as consequências. Ficar repetindo a ideia de que “A Polícia Militar mata muito e morre muito” não ajuda em nada. Na verdade, só faz com que a instituição perca mais reputação na sociedade. Os policiais, de detentores da força e responsáveis pela proteção das pessoas, passaram a ser visto como porcos fardados, assassinos e desumanos.

Na apresentação do relatório *Mudamos*, lançado em setembro de 2016, sobre a Polícia Militar, Luiz Eduardo Soares diz que a

brutalidade letal e as abordagens desrespeitosas, além da baixa efetividade na prevenção, na contenção e na investigação, os levam a perder a confiança popular, como as pesquisas têm demonstrado. Por outro lado, trabalham em condições precárias, frequentemente desumanas, arriscando suas vidas por salários indignos, sobretudo os policiais militares de mais baixa patente. Sentem-se desrespeitados por regimentos disciplinares, que autorizam prisões administrativas sem direito a defesa. Paradoxalmente, nem por isso a instituição tem controlado a corrupção e as ações ilegais fora dos quartéis, como as execuções extrajudiciais, que alcançaram níveis assustadores. (SOARES, p. 15. In: INSTITUTO, 2016.)

Não é de hoje que o nosso sistema policial é criticado e considerado como atrasado ou falido. Desde a morte dos 111 presos no Carandiru em 1992, ano em que a polícia militar brasileira executou 1.428 pessoas, a violência policial é colocada em pauta. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública reúne os dados policiais e promove

encontros sobre o assunto anualmente. Em 2013, foi apresentada a PEC-51, que apresenta diversas propostas ao modelo atual e que ainda está em tramitação no Senado, mesmo que 40% dos policiais militares concordem que deva haver mudanças na estrutura da instituição.

Se o nosso modelo é tão atrasado (para se ter uma ideia, somos um dos únicos três países no mundo com polícias de Ciclo Incompleto, sendo os outros dois Guiné-Bissau e Cabo Verde), porque não há mudanças?

Se a sociedade, seus mais diversos segmentos, está descontente, pelas mais variadas razões, por vezes contraditórias, e se não há sustentação majoritária nas próprias instituições policiais, por que o país permanece convivendo com a arquitetura institucional arcaica, legada pela ditadura? (SOARES, 2015<sup>4</sup>).

Ainda de acordo com o pesquisador Luiz Eduardo Soares, isso acontece, dentre outros fatores, por causa da escassez de investimento político nesse tema. Não há pressão, as pessoas não se mobilizam e não discutem a pauta policial e deixam para fazer algum movimento apenas quando uma comunidade, geralmente de classe baixa, é vítima do sistema. Não devemos nos preocupar com a segurança brasileira quando ela já fez vítimas, precisamos de uma agenda de transformações, tanto das instituições quanto das estruturas sociais.

O salto de qualidade, entretanto, exigiria que se fosse além, que se assumisse uma perspectiva universalista e que se buscasse construir um consenso mínimo com todos os setores sociais sensíveis aos princípios constitucionais mais elementares, os quais são coerentes com os direitos humanos. Assim, seria necessário adotar uma postura efetivamente tolerante e dialógica, aberta, ativamente, à construção de uma coalizão reformista ampla, reconhecendo que ou haverá segurança para todos, ou ninguém estará seguro, e que segurança deveria ser entendida como garantia de direitos (SOARES, 2015<sup>5</sup>).

Acrescentamos também que há pouca informação sobre o modelo atual de Segurança Pública brasileiro. A mídia cobre mas não explica e, pior, não questiona. Informações básicas, como as diferenças entre as polícias ou até suas funções, não

---

<sup>4</sup> Documento digital não paginado.

<sup>5</sup> Documento digital não paginado.

chegam ao leitor. Se é pouco o conhecimento sobre o assunto, é lógico que não haverá pressão política para reformas. Ela não virá sem ajuda da população.

Além da importância do tema e de informar as pessoas sobre ele, também temos uma justificativa própria: não sabíamos nada sobre a Polícia Militar. Quando lemos o pedido da ONU para que o Brasil extinguisse a instituição, a primeira coisa que veio à nossa cabeça foram as perguntas: “Mas a PM não serve pra alguma coisa?” e “Se ela acabar, quem vai fazer o trabalho dela?”.

Durante toda a graduação, percebemos que as nossas melhores matérias foram feitas quando não sabíamos nada sobre o assunto. Menos por causa da ideia de que, ao ter uma opinião formada antes de começar a apurar, o jornalista acaba contaminando a informação com a sua visão pessoal; e mais pelo lado de que acreditamos que, ao começar do zero, estamos aptos a sentir aquele espanto para com a realidade e reconhecer fatos e informações banais como importantes, possibilitando que o leitor participe do nosso aprendizado:

Para extrair, no entanto, dos fatos de que toma profissionalmente conhecimento, o mundo inesperado de emoção de que precisa a obra de arte, jornalística ou não, o repórter tem de manter em si a capacidade de espanto que origina o poema ou artigo, o conto ou relato. É a virgindade mental de quem contempla o mais conhecido dos espetáculos — como os de sofrer ou amar, sorrir ou lutar — com uma receptividade tão humana que saiba, depois, transformá-los em linguagem, em palavras de uso diário (OLINTO, 2009, p.37)

Assim como falamos na primeira página do Prólogo do livro-reportagem, nós dois, jovens ignorantes, nos propomos a pesquisar, estudar e entrevistar para entender mais sobre o assunto e poder passar isso a quem vier a ler a reportagem. Porque “o muro da ignorância que impede tantos de se verem com clareza só pode ser atravessado pela comunicação” (McCLOUD, 2005, p. 198).

### **3.1 Por que Jornalismo em Quadrinhos?**

Antes de mais nada, gostaríamos de nos posicionar em relação ao termo “Jornalismo em Quadrinhos”. Por mais que grande parte dos pesquisadores o utilize (e nós acabamos utilizando no decorrer do relatório) concordamos com Paulo Ramos (2016), que diz que “Jornalismo *em* Quadrinhos” propõe uma associação de

superioridade: seria um novo gênero jornalístico onde o jornalismo utiliza a mídia dos quadrinhos para contar histórias. Preferimos o uso de “Jornalismo e Quadrinhos<sup>6</sup>”, já que acreditamos que o jornalismo e os quadrinhos são formas de comunicação autônomas e que conseguem se adaptar para aproveitar suas linguagens e potencialidades.

Também é necessário ressaltar que a escolha da mídia veio antes da escolha da pauta. Quando procuramos o professor Rogério Christofolletti para ser nosso orientador, já tínhamos decidido que o trabalho seria em quadrinhos. O que aconteceu, então, foi que tivemos que encontrar um tema que nos permitisse explorar a linguagem HQ. Antes de decidir o tema, fomos orientados a ler os dois principais teóricos de quadrinhos (Scott McCloud e Will Eisner) e tudo o que achássemos de teoria.

De acordo com Vergueiro (2009), os quadrinhos talvez sejam o meio que consiga de maneira mais efetiva atingir todas as camadas da população. Todd Shack (2014) concorda e diz que isso acontece porque as narrativas gráficas proporcionam uma imediaticidade emocional, prendem a audiência ao facilitar o consumo de ideias complexas e misturam narrativa visual com textual, carregando o potencial de criar entendimento em um nível intelectual ao mesmo tempo que gera sentimentos e emoções em um nível visceral. Pensando nisso, precisávamos de um tema que fosse, ao mesmo tempo, complexo e importante para a população em geral.

Quando o Luiz disse aos pais dele que o nosso TCC seria em quadrinhos, a reação deles foi: “Mas em quadrinhos, filho?”. Um pouco esperado, já que mesmo após a publicação de vários quadrinhos com temática adulta, ainda existe a ideia de que essa mídia tem um certo tom infantil ou até mesmo inofensivo (SOUZA JÚNIOR, 2010). Também por ser de fácil leitura, as HQs e *graphic novels* acabam sendo “associadas a uma parcela da população de baixo nível cultural e capacidade intelectual limitada” (EISNER, 2008, p.7). Para ajudar a ir contra essas ideias, queríamos uma pauta que fosse de temática adulta e considerada “séria”.

---

<sup>6</sup> É importante dizer que acreditamos que esse seria o termo mais correto para *Me disseram que haveria sangue*, uma vez que, ainda de acordo com Paulo Ramos, existem várias formas de associação de jornalismo e quadrinhos, como jornalismo *com* quadrinhos (quando são utilizadas características próprias dos quadrinhos nas matérias, como é o caso de balões em fotos dos entrevistado) e jornalismo sobre quadrinhos (mídia especializada em *graphic novels* e HQs).

O futuro da graphic novel encontra-se na escolha de temas importantes e na inovação da exposição. (...) O futuro dessa forma aguarda participantes que acreditem realmente que a aplicação da arte sequencial, com o seu entrelaçamento de palavras e figuras, possa oferecer uma dimensão da comunicação que contribua para o corpo da literatura preocupada em examinar a experiência humana (EISNER, 1999, p. ???).

Eisner (2008) também explica que alguns temas são melhores para serem abordados no meio gráfico por conseguirem aliar quatro características que um quadrinista tem pleno controle quando está narrando esse tipo de história: sentimentalismo — imagens transmitem muito mais emoção do que palavras —, *schmaltz* — metáforas visuais e exageros gráficos que exploram o excesso de emoção e compaixão do leitor —, violência — é possível retratar cenas explícitas sem chocar tanto quanto uma fotografia — e pornografia — desenhos que remetem à atividade sexual estimulam mais do que narrativas textuais (e, da mesma maneira que a violência, chocam menos quando a linguagem é gráfica). Logo, procurávamos uma temática que pudesse abordar, senão todas, algumas dessas características.

Também queríamos utilizar o máximo de técnicas aprendidas durante a leitura dos quadrinhos (a lista de referências de quadrinhos está na seção “8. Bibliografia Consultada”) e dos manuais *Desvendando os Quadrinhos* (2005) e *Desenhando Quadrinhos* (2008), de Scott McCloud, como os diferentes tipos de transições, os enquadramentos, utilização dos centros-ópticos para dar impressão de movimento, personagens principais com características únicas e, principalmente, as categorias dos quadrinhos.

Ao mesmo tempo em que líamos os textos e quadrinhos, preenchíamos uma lista de “possíveis pautas”. Quando voltamos das férias de final de ano, selecionamos os temas “finalistas”: “Como a *Deep Web* possibilita e alimenta fetiches bizarros”, “Uma biografia da Geração Y” e “Para que serve a Polícia Militar?”. Acabamos optando pela terceira porque acreditávamos que era o tema que se encaixava melhor nas nossas exigências.

### 3.3 Por que não seguir Joe Sacco?

Joe Sacco é considerado o criador do Jornalismo em Quadrinhos por ter feito a primeira grande experiência com o meio: em 1993, lançou *Palestina*, uma série de nove quadrinhos que depois foi compilada em um único livro, vencedor do American Book Award. Não há um estudo sobre o tema que não o tenha como referência (inclusive esse). Ele “tem sido lembrado quase como sinônimo do uso das histórias em quadrinhos no campo jornalístico” (RAMOS, 2016, p.198).

O problema é que o sucesso de sua obra foi tão grande que acabou atrapalhando a produção de outras reportagens: seu estilo de imagens ancoradas à realidade e enquadramentos *talking-head*<sup>7</sup>, semelhantes a um documentário; narrativa pouco opinativa (pelo menos em seus trabalhos posteriores), metanarrativa inserida dentro da narrativa; e narração em primeira pessoa, como se fosse um *off*, acabaram, sem querer, ditando as regras do jornalismo em quadrinhos.

As produções brasileiras de Alexandre de Maio para a *Agência Pública* e o livro *Cortabundas*, de Talles Rodrigues, por exemplo, seguem a mesma linha de Sacco, com quadrinhos representando ao máximo a realidade e com uma narração semelhante ao documentário. Souza Júnior (2010, p. 59) chega a dizer em sua dissertação que “enquanto alguns quadrinhos se utilizam de um grafismo mais leve, na reportagem em quadrinhos tenta-se reproduzir a concretude da imagem fotográfica”.

E a pergunta que fica é: por que?

O jornalismo textual já entendeu que “não existe um contar o fato de modo totalmente objetivo-verdadeiro-neutro” (FERREIRA, 2003, p. 280). O fotojornalismo também já teve sua objetividade colocada em cheque. Ironicamente, na última edição brasileira de *Palestina*, José Arbex Júnior escreve no prefácio que, por mais que a imagem seja a palavra-chave do jornalismo contemporâneo, ela não representa o mundo, mas apenas *um* mundo. Ele completa dizendo que o quadrinho não aspira a objetividade, e sim permite a livre expressão do seu autor.

Por que tentar representar ao máximo a realidade se o quadrinho permite contar duas histórias ao mesmo tempo, uma com o texto e outra com a imagem? Por que não utilizar a capacidade de reconstituir cenas que não foram vistas por ninguém? Por que

---

<sup>7</sup> Quando o entrevistado é colocado em um enquadramento onde apenas seu rosto e seu torso ficam visíveis.



não se aproveitar da habilidade de “alternar entre o realístico e o simbólico, que é a maior força do jornalismo em quadrinhos” (WILLIAMS, 2005<sup>8</sup>)?

Não estamos, de nenhuma maneira, diminuindo o trabalho de Joe Sacco. O que estamos tentando dizer é que o seu estilo não pode ser confundido com o estilo de uma forma de narrar. Temos que abandonar esse lugar comum que foi criado pelo sucesso que o autor fez com suas reportagens para arriscar e explorar as potencialidades da linguagem dos quadrinhos, que é tão vasta e que está constantemente se atualizando.

---

<sup>8</sup> Artigo digital não paginado.

## **4. PROCESSO DE PRODUÇÃO**

### **4.1 Pré produção**

Até o segundo semestre de 2015, um ano antes de começarmos a produzir esse trabalho, jornalismo em quadrinhos era uma realidade distante para nós. Conhecíamos o nome de Joe Sacco, mas não tínhamos uma noção muito clara de como seria possível unir jornalismo e quadrinhos para produzir um reportagem de fôlego.

Nosso primeiro contato com jornalismo em quadrinhos aconteceu durante a disciplina de Redação VII, na sétima fase do curso, que o Luiz Fernando cursou no fim do ano passado. Nessa disciplina, ministrada pelo professor Mauro César Silveira, conhecemos novas formas de fazer jornalismo, mais especificamente jornalismo autoral. Somos apresentados a autores que se aproximam mais da subjetividade, que se incorporam como personagens em suas narrativas, que revelam sentimentos e desejos durante as reportagens. Isso tudo, aliás, são características do trabalho de Joe Sacco, que é apresentado, ao lado de Marjane Satrapi, como representantes do jornalismo em quadrinhos. O Luiz Fernando gostou da ideia, e, aproveitando-se de que já sabia desenhar, produziu como trabalho final da disciplina uma reportagem em quadrinhos de dez páginas sobre o fim da produção de jogos com modo cooperativo local (aqueles que você joga com um ou mais amigos em um mesmo local), com características muito parecidas com as do trabalho de Sacco.



**Imagem 1-** página da reportagem Player 2 saiu do jogo, produzida por Luiz Fernando Menezes para a disciplina Redação VII

Depois de entregue ao professor para correções, a reportagem foi publicada no portal de games e tecnologia *Adrenaline*, onde teve 30 mil acessos, 162 comentários (em sua grande maioria positivos) e 410 compartilhamentos no Facebook. Foi pouco depois disso, no recesso entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016, que ele decidiu produzir uma reportagem em quadrinhos como Trabalho de Conclusão de Curso.

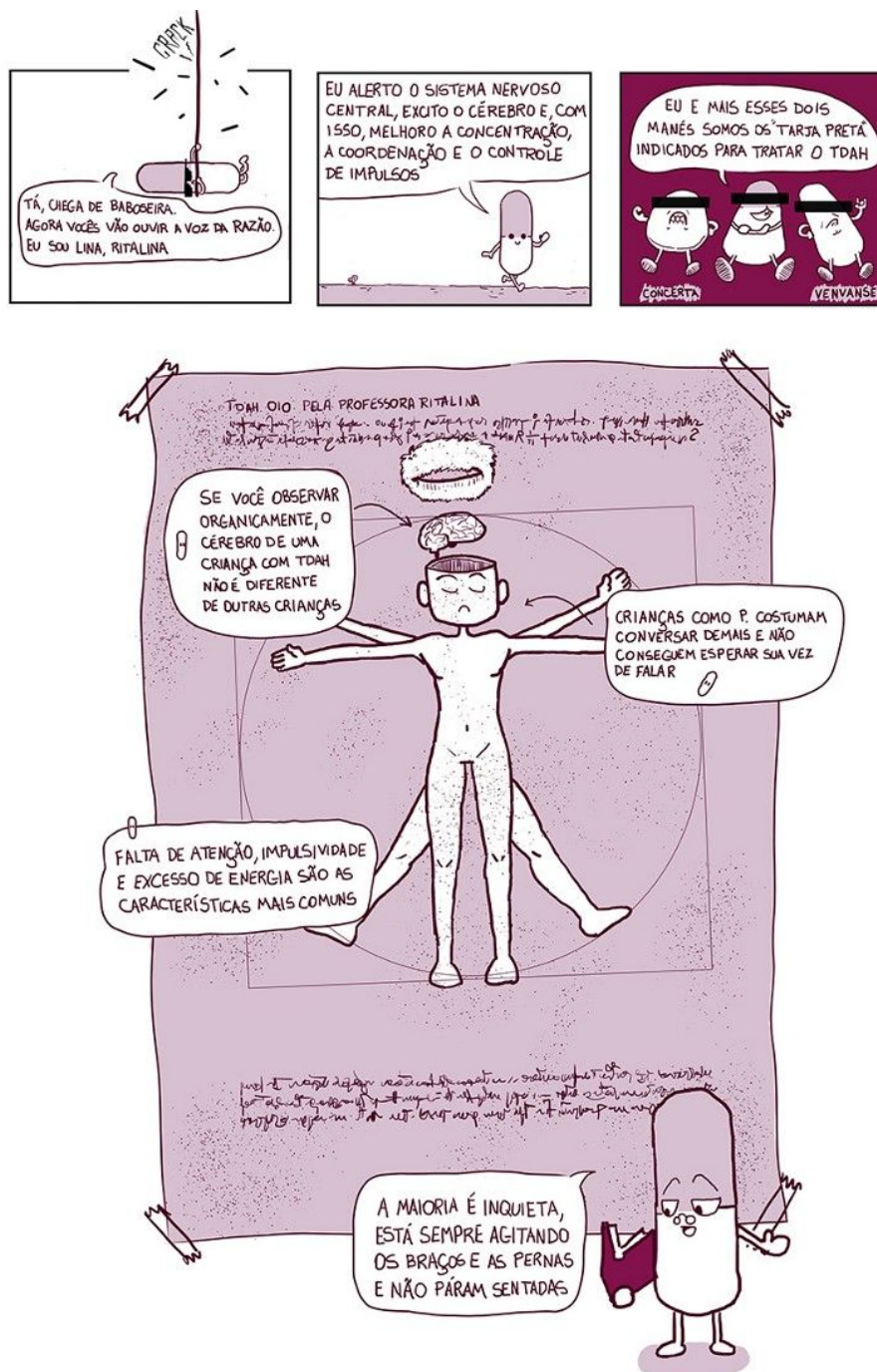
Durante as férias, ainda não estava acertado que produziríamos o trabalho em dupla. Inicialmente, Amanda faria um livro reportagem, também sob orientação do

professor Rogério Christofolletti. Como produzir um livro reportagem em quadrinhos seria trabalhoso e nenhum dos dois autores desse Trabalho de Conclusão de Curso tinha uma ideia de tema, nosso orientador sugeriu que trabalhássemos juntos e produzíssemos um trabalho mais completo. Concordamos.

Fixamos uma folha de papel na parede de nossa sala de estar e, durante uma semana, anotamos todos os temas que nos vieram à cabeça. O pedido da ONU para que o Brasil acabasse com a Polícia Militar era um deles. Não entendíamos como funcionava a Polícia Militar, nem porque ela havia se tornado violenta a ponto de a Organização das Nações Unidas pedir ao governo brasileiro que desse um fim a ela. No fim da semana, levamos todas as pautas ao nosso orientador, que nos ajudou a escolher a mais relevante. Polícia Militar seria.

Ao longo da produção desse trabalho, nossa angulação da pauta mudou muitas vezes. Enquanto, no início, começamos a apurar convictos de que a culpa era toda da polícia, que era violenta e não se prestava a ajudar o cidadão, hoje, depois de conversar com os mais variados tipos de pessoas, com as mais variadas visões a respeito da Segurança Pública brasileira, podemos dizer que não temos mais certeza de nada. Isso, aliás, era um dos pontos que o professor Mauro César Silveira, de Redação VII, mais defendia: o jornalista nunca pode ter certeza de nada.

Aliás, sua disciplina foi importante mais uma vez para a produção desse trabalho no primeiro semestre de 2016, quando Amanda a cursou e decidiu também produzir uma reportagem em quadrinhos como trabalho final. Agora que já tínhamos uma base maior de referências em quadrinhos — já que o nosso orientador nos emprestou vários durante o semestre todo, para que ampliássemos nosso repertório — a estrutura da reportagem se afastou um pouco do modelo clássico criado por Joe Sacco e reproduzido por vários outros autores. *Déficit de compreensão* tratou do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e do império que a indústria farmacêutica criou em torno dele.



**Imagem 2** - página da reportagem *Déficit de Compreensão*, produzida por Amanda Ribeiro e Luiz Fernando Menezes para a disciplina Redação VII

Ao mesmo tempo em que Amanda cursava Redação VII, nós dois produzíamos o projeto de TCC na disciplina Técnicas de Projeto em Comunicação. Ao longo de todo o semestre, lemos quadrinhos que pegamos emprestado com nosso orientador e com a Biblioteca Universitária ou que compramos (a lista de leituras pode ser encontrada na seção 8: “Bibliografia consultada”). Também nesse semestre, Luiz Fernando cursou

História em Quadrinhos, no curso de Design, com o professor Mauro César Coelho, e ampliou ainda mais nossas referências de estilo e narrativa, fora o conhecimento teórico adquirido. Ao mesmo tempo em que tudo isso acontecia, trabalhávamos na apuração desse trabalho, que será detalhada abaixo.

## **4.2 Apuração**

Começamos a apuração do trabalho em março de 2016, porque sabíamos que seria impossível apurar, roteirizar e desenhar tudo em um semestre. Estabelecemos uma data limite, o fim de julho, para que terminássemos toda a apuração, e depois pudéssemos nos concentrar apenas na parte manual do trabalho.

Além da leitura de quadrinhos, que como já dissemos no tópico anterior, começou em janeiro de 2016, procuramos, lemos e fichamos artigos e livros sobre Segurança Pública brasileira, com o objetivo de já procurar os entrevistados com uma boa base de conhecimento. Isso, aliás, foi essencial, já que, por conta de agendas lotadas, só pudemos conversar uma vez com a maioria das fontes.

A partir do começo de março, entramos em contato com jornalistas, pesquisadores, políticos, policiais militares e outras pessoas ligadas à área de Segurança Pública. Desses, a grande maioria não respondeu; uma outra parte respondeu para dizer que não tinha tempo para conversar conosco e desejar boa sorte; e uma outra parte disse que nos atenderia, fosse presencialmente ou não. As entrevistas foram realizadas por email, por telefone e presencialmente. Uma fonte acabou nos levando a outras e, no fim das contas, nos vimos com mais de 20 opiniões a respeito do pedido da ONU sobre o fim da Polícia Militar. Essas 20 opiniões ajudaram a mudar o que, querendo ou não, tínhamos sobre o assunto. E ajudou a mudar nosso tema também.

No começo, queríamos discutir a função da Polícia Militar no Brasil e a validade do pedido da ONU. Mais tarde, entendendo que o pedido de simplesmente extinguir a PM era muito vago, decidimos discutir a situação da Segurança Pública brasileira, seus acertos, suas falhas, e algumas propostas de melhora. No fim, sentimos na conversa com os entrevistados que existia um problema que nos afastava dos problemas da Segurança Pública brasileira: um bode expiatório. Esse bode expiatório era a Polícia Militar. Foi dessa percepção que surgiu esse trabalho, que discute a crise de identidade

da Polícia Militar brasileira, ao mesmo tempo em que explora os outros dois temas, agora reduzidos a partes (importantíssimas, claro) da narrativa.

Além das entrevistas e do fichamento de artigos, estudamos leis e documentos e fizemos o *clipping* de textos relacionados à Polícia Militar e a Segurança Pública brasileira. Tudo está especificado nos tópicos abaixo.

#### 4.2.1 Fontes

Tentamos entrar em contato com cerca de 60 pessoas, entre especialistas em Segurança Pública, policiais, políticos e ONGs. Enquanto os outros grupos, na medida em que suas agendas permitiam, se mostraram solícitos para nos atender, a maior parte dos PMs que tentamos contatar simplesmente não nos respondeu. Dos que responderam, alguns foram evasivos demais, e só alguns poucos se prontificaram a conversar conosco o tempo que fosse necessário. Abaixo, uma lista das fontes com quem conseguimos falar e a importância que tiveram na construção desse trabalho.

**Bruno Paes Manso:** foi a primeira fonte com quem conseguimos entrar em contato. Jornalista, Bruno trabalhou na *Ponte*, site especializado em Segurança Pública que foi uma importante fonte de consulta para nós nos primeiros momentos do TCC. Entramos em contato primeiramente por email e, ao contrário do que aconteceu com a maioria das outras fontes, a resposta veio em pouco tempo. Conseguimos o contato do Núcleo de Estudos de Violência (NEV) da USP, onde ele atualmente faz pós-doutorado, e fizemos uma entrevista de uma hora — dividida em duas partes, porque tivemos que ligar dos nossos celulares e ficamos sem créditos mais rápido do que esperávamos — pelo telefone.

**Carlos Araújo Gomes:** coronel da PMSC e comandante da 11ª Região de Polícia Militar (que engloba todas as cidades da Grande Florianópolis, menos Florianópolis), Araújo prometia ser uma das fontes mais importantes para o TCC. Até o momento em que conseguimos entrevistá-lo, só havíamos conseguido falar com um membro do alto escalão da Polícia Militar, o coronel Duarte, que inclusive foi quem nos passou o contato de Araújo. Para entrevistá-lo, fomos até a sede do comando geral, uma casinha discreta em São José. Araújo reservou todo o período da tarde para conversar

conosco, e o resultado disso foram duas horas e vinte minutos de entrevista gravada. Reiterando o tempo todo que poderíamos perguntar qualquer coisa, possivelmente em uma tentativa de mostrar que a Polícia Militar não é tão avessa ao contato com a imprensa quanto se diz, Araújo nos contou porque se tornou policial, falou sobre o cotidiano de um policial comum (que, inclusive, foi um dos fatores que nos inspirou a criar o capítulo 5, que retrata o cotidiano de um policial militar), reclamou do padrão de cobertura da mídia sobre Segurança Pública e debateu longamente a respeito do processo de desmilitarização, refutando a maior parte das medidas — como fim da divisão de carreiras, quebra de vínculo com o exército e fim da subordinação ao governo do estado — e acatando apenas uma delas, a carreira única.

A entrevista correu muito bem, e, apesar de termos dúvidas a respeito de alguns dados que nos haviam sido fornecidos, voltamos empolgados para casa para a decupagem do material. E foi ao longo desse processo que confirmamos nossas suspeitas: Araújo tinha fornecido não um ou dois, mas praticamente todos os dados errados. Ele não tinha confundido os números, não havia engano nenhum: os dados haviam sido manipulados, obviamente, a favor da Polícia Militar. Na narrativa de Araújo, mais policiais morriam e menos pessoas eram assassinadas; os ditos governos de esquerda eram os culpados pelos altos índices de violência; os ONGs de Direitos Humanos manipulavam o testemunho de bandidos e os deixavam impunes; e os problemas na Segurança Pública não eram, absolutamente, culpa da Polícia Militar.

Não é preciso dizer que essa quantidade de mentiras nos atrapalhou muito na hora de escolher quais informações eram relevantes ou não para o livro. O processo de checagem de dados foi muito mais rigoroso do que o de outras fontes e, por isso, levou muito mais tempo. Apesar disso, Araújo nos fornece informações bem relevantes.

**Cinco policiais militares da PMERJ, integrantes do Grupo de Pesquisa Prevenção em Suicídio (GEPeSP):** o GEPeSP foi uma das últimas fontes que nos responderam. Entramos em contato especificamente com o grupo de policiais militares que integram o núcleo de estudos: são cinco mulheres da Universidade Estadual do Rio de Janeiro que pesquisam as causas do estresse e dos transtornos mentais dentre policiais militares do estado do Rio de Janeiro. Conversamos por email, diante da dificuldade de entrar em contato por telefone com todas e dos custos que isso geraria.



Algumas experiências dentro da PMERJ foram relatadas, mas elas preferiram não se identificar individualmente: os emails foram todos assinados em nome do grupo.

O livro *Por que policiais se matam?*, resultado de uma pesquisa do GEPeSP sobre suicídio realizada com policiais cariocas, também foi utilizado como fonte para o trabalho.

**Daniel:** conhecemos o cabo da PMSC Daniel (ele preferiu não nos dizer seu sobrenome) na sala de espera da 11ª Região de Polícia Militar de Santa Catarina, onde aguardávamos que o coronel Araújo nos recebesse. Reformado, Daniel decidiu voltar a trabalhar como secretário da 11ª Região, porque não conseguia acostumar com tanto tempo livre. Durante a meia hora em que conversamos, nos contou principalmente sobre sua experiência dentro da PM, onde trabalhou durante cerca de 30 anos. Apesar de não ter seu nome citado como fonte dentro do trabalho, ele contribuiu bastante para a produção do capítulo 5, que fala sobre a rotina de um praça dentro da Polícia Militar.

**Diogo Vargas:** quando, nos primeiros momentos da apuração, nos vimos sem saber quem procurar para começar a estabelecer contatos e conseguir informações, recorremos ao nosso professor Samuel Menezes, que disse ter contato com jornalistas que cobriam Segurança Pública. Ele nos indicou Diogo Vargas, jornalista do grupo RBS, que nos ajudou a encontrar nossas primeiras fontes para o trabalho. Um dos indicados foi Elisandro Lotin, que nos concedeu talvez a entrevista mais esclarecedora e completa de todo o trabalho.

**Elisandro Lotin:** o cabo da PMSC Elisandro Lotin certamente foi uma das entrevistas mais enriquecedoras para o trabalho. Apesar da posição de chefia entre os praças — Lotin é Presidente da Associação Nacional de Praças e chefe de relações públicas da Associação de Praças de Santa Catarina — ele não se mostrou na defensiva como o coronel Araújo e se prontificou a denunciar todos os problemas internos da Polícia Militar. Corrupção, abuso de poder, precariedade do treinamento e dos equipamentos, cultura de confronto e pouco foco na relação com a comunidade foram alguns dos problemas que o cabo nos apontou dentro da Polícia Militar como um todo. Conseguimos o contato de Elisandro com o jornalista Diogo Vargas, que nos ajudou no

início do trabalho com algumas fontes importantes do campo da Segurança Pública de Santa Catarina, e ele aceitou o pedido de entrevista rapidamente. Devido ao pouco tempo que tinha (ele viajaria dali a dois dias e provavelmente ficaria mais de uma semana fora), Elisandro pediu para responder às questões por email. Enviamos as perguntas, mas, por problemas pessoais da fonte, demoramos algumas semanas para receber a resposta. Elisandro não pôde responder às últimas perguntas que enviamos porque perdeu dois familiares em um espaço de tempo muito curto, mas as respostas que deu foram completas, críticas e nos ajudaram enormemente a conhecer os problemas reais da Polícia Militar.

**Francisco Toledo:** decidimos entrar em contato com Francisco, repórter do *Huff Post Brasil*, depois de “clippar” algumas de suas matérias sobre violência policial em manifestações. Até esse momento, só havíamos conseguido contatar um jornalista, o Bruno Paes Manso, e era importante ter a opinião de jornalistas sobre o tema, principalmente porque um dos capítulos se dedica a analisar como a mídia constrói a imagem do policial militar. A entrevista de Francisco era ainda mais interessante, porque além de jornalista, ele havia presenciado atos de truculência durante manifestações.

Depois de procurar inutilmente por email e número de telefone, decidimos entrar em contato com ele através do perfil no Facebook. De lá, a conversa migrou para o email, e recebemos as respostas por lá. Com ele, conversamos mais sobre violência policial em manifestações e a relação da PM com a mídia, sejam grandes veículos de imprensa ou publicações independentes.

**Graciela de Conti Pagliari:** professora de Segurança Internacional no curso de Relações Internacionais da UFSC e integrante de um, Graciela nos foi indicada por uma colega. Entramos em contato com ela e conversamos sobre modelos de Segurança Pública, comparações com as polícias de outros países e como a cultura da violência nos afeta.

**Grupo de Apoio ao Protesto Popular (GAPP):** descobrimos o GAPP, que é um grupo que oferece apoio médico e informação a participantes de manifestações,

também durante o *clipping* das notícias. Entramos em contato pela página do Facebook e conversamos com um dos médicos que coordenam o grupo, que preferiu não se identificar e respondeu em nome do GAPP. O foco da entrevista foi a repressão policial nas manifestações, os perigos oferecidos pelas armas conhecidas como não-letais e a cultura de confronto presente no ambiente de formação dos PMs, que acaba criando policiais violentos e não dispostos ao diálogo.

**Luís Ricardo Duarte:** coronel da PMSC, foi indicado pelo professor da escola de oficiais Teófilos Rifiotis. Mestre em Antropologia pela UFSC, hoje participa de um grupo de estudo sobre estresse no trabalho policial, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A entrevista foi feita na UDESC e foi gravada no celular. Como ele foi o primeiro policial militar que entrevistamos, muitas das perguntas foram relacionadas ao trabalho da PM, os maiores problemas enfrentados pela profissão e também aos preconceitos da população. Depois de duas horas de entrevista, saímos de lá mais animados com o tema porque vimos que a pauta era pertinente e que realmente faltava informações sobre o assunto.

**Luiz Eduardo Soares:** uma das fontes mais importantes quando o assunto é segurança pública brasileira e que, infelizmente, não pôde nos conceder uma entrevista por causa de sua agenda lotada. O ex-secretário de segurança pública do Rio de Janeiro e autor de *Meu casaco de General e Tropa de Elite*, no entanto, chegou a nos responder para nos autorizar a usar todas as informações e opiniões dos textos disponíveis em seu blog pessoal como se tivéssemos o entrevistado, mas preferimos não fazer isso. O autor foi bastante citado no trabalho, mas sempre nos preocupamos em fazer referência ao local de onde os trechos foram retirados.

**Marcos Flávio Rolim:** como havia ficado decidido que entraríamos em contato primeiro com os especialistas, Rolim foi efetivamente a primeira fonte que recebeu um email nosso, no começo de 2016. Ao contrário dos outros especialistas, em sua maioria professores universitários, ele, que é jornalista, professor universitário e sociólogo, nos respondeu em menos de uma semana. Depois que enviamos as perguntas, também respondeu sem demora, inclusive se prontificando a tirar quaisquer outras dúvidas a

respeito do nosso modelo atual de Segurança Pública, o papel atual das polícias, os problemas por que passam, e o que precisa mudar para que tenhamos uma polícia militar menos violenta e mais próxima do cidadão.

**Merêncio:** o cabo reformado da PMSC Merêncio (ele preferiu não dizer seu sobrenome) é um dos conhecidos do Elisandro Lotin com quem conseguimos entrar em contato. Até esse momento, só tínhamos conseguido confirmar entrevistas com policiais militares oficiais de alta patente (dois coronéis, Duarte e Araújo), e era essencial que conversássemos com praças de patentes mais baixas. A entrevista com Merêncio foi curta, mas obtivemos com ele informações que os policiais que ocupavam cargos de comando jamais nos dariam: os problemas de estrutura física da PM, casos de abuso moral e humilhação durante os treinamentos na escola de cadetes e outros problemas da profissão.

**Rafael Custódio:** entramos em contato com a advogada Vivian Calderoni da ONG Conectas, organização voltada a luta pelos direitos humanos, que era o principal nome quando o assunto é jurisdição da violência policial. Como ela estava de licença maternidade, ela nos passou o contato de dois outros advogados da Conectas, que aceitaram nos conceder uma entrevista. Porém, só o Rafael respondeu. Tiramos algumas dúvidas sobre legislação e também perguntamos sobre propostas de reforma do modelo de segurança pública e maneiras de diminuir a violência policial.

**Robledo Ferreira:** conseguimos o contato de Robledo, que é cabo na PMMG desde 2006, por intermédio da mãe da Amanda, que conhecia sua esposa. Ele nos falou principalmente sobre suas experiências e sua rotina dentro da polícia, onde ingressou devido às poucas oportunidades de emprego que existiam em Frutal. Robledo se diz satisfeito com o trabalho, mas reclama que o salário, apesar de não ser tão baixo, não é suficiente para cobrir as despesas da família, e conta que a PM sofre de péssima administração e excesso de burocracia. Atualmente, cursa Direito à noite na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) e pretende se tornar oficial assim que possível.

**Sílvio César:** conhecemos o sargento da PMMG Sílvio César a partir da filha dele, Giovana, com quem convivíamos em nossa cidade natal, Frutal, no interior de Minas Gerais. Como estávamos longe de lá, pedimos o contato à mãe da Amanda, que conseguiu o e-mail do sargento, que preferiu não falar por telefone por questão de tempo. Entramos em contato nos identificando, explicando um pouco sobre o trabalho e já enviando as perguntas. A primeira resposta demorou um pouco, mas veio completa, embasada e acompanhada de uma quantidade significativa de documentos. Foi aí que descobrimos que César estava sofrendo um processo administrativo interno na PM, e que vinha tentando processar seu comandante por danos morais. No documento de 50 páginas, ele dizia que, ao entregar ao comandante do seu batalhão um relatório que relatava abuso de autoridade por parte do comandante geral, foi instruído a apagar o trecho e “não mexer com o chefe”. Por ter se negado, César passou a ser perseguido dentro do quartel: foi processado por usar a intranet da PM para obter vantagens pessoais (o que fez, na verdade, foi postar uma frase motivacional na rede, coisa que, de acordo com ele, todos fazem diariamente); teve desconto em seu salário; e começou a ser ignorado por alguns colegas. Os dois processos — o do sargento contra o comandante e o do comandante contra o sargento — não haviam sido julgados até o fim da produção desse trabalho.

#### 4.2.2 Documentos

Além das entrevistas com as fontes, selecionamos algumas pesquisas, leis e documentos que dissessem respeito à Polícia Militar, tanto para ter os dados gerais exatos sobre o assunto — já que algumas fontes nos forneceram números errados — quanto para verificar com mais precisão a reputação da instituição no Brasil. Vale ressaltar que os documentos mais extensos foram impressos em forma de apostila para facilitar a leitura e a coleta de informações.

Principais documentos consultados:

**Constituição Federativa do Brasil:** além de determinar direitos dos cidadãos brasileiros, como o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade,

possui um artigo (144) específico para a Segurança Pública, determinando as funções e deveres de cada órgão policial. Vale destacar também os artigos 122 — que trata da Justiça Militar — e 142 — que foca nos deveres das Forças Armadas e na defesa da pátria.

**Constituições Estaduais de SP, SC, MG e RJ:** verificamos eventuais diferenças na legislação da Segurança Pública de cada estado. Em Santa Catarina, por exemplo, ao contrário dos outros estados pesquisados, não existe polícia penitenciária; e a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) tem um inciso específico que determina ser necessária a presença de um pastor evangélico para desempenhar o papel de orientador religioso nos quartéis e presídios. Em sua maior parte, no entanto, as Constituições Estaduais são bem parecidas no que diz respeito à segurança.

**Regulamentos Disciplinares das Polícias Militares de SP, SC, MG e RJ:** além de verificarmos as principais diferenças entre os regulamentos — que também não são muitas —, os documentos foram importantes para entendermos como funcionam a disciplina e hierarquia dentro da instituição, e os absurdos causados por seus excessos no cotidiano dos policiais. Os regulamentos foram importantíssimos na construção do Capítulo 2, que trata dos problemas estruturais — tanto físicos, no que diz respeito à qualidade dos equipamentos disponíveis, quanto legais, como brechas no regulamento que permitem assédio moral e humilhação dentro da PM — existentes na Polícia Militar.

**PEC-51:** a famosa e polêmica “PEC da Desmilitarização”, que está em tramitação desde 2013, foi um dos ganchos do livro reportagem e, portanto, um dos primeiros documentos que lemos e fichamos para a produção do trabalho. Entre suas propostas de reforma estão a instituição no ciclo completo nas polícias militares e civis (prevenção, policiamento ostensivo e investigação deixariam de ser funções específicas de uma ou outra polícia, e ambas passariam a realizar todas as funções), a transferência do poder dos governadores para os prefeitos (atualmente, a Polícia Militar está subordinada ao governo do estado, e é o governador que indica o comandante geral de cada Região de Polícia Militar), e o fim da duplicidade de carreiras (praças e oficiais se

tornariam apenas policiais militares, e o concurso público para entrada seria um só). A PEC-51 foi essencial para a construção do Capítulo 3, que trata justamente das propostas de reforma no modelo atual de Segurança Pública.

**As mulheres nas instituições policiais:** pesquisa realizada em 2015 pela FGV, em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Foram entrevistados 13.055 policiais (tanto civis quanto militares) sobre as diferenças de gênero dentro dessas instituições. Além de denunciar preconceitos, e abusos morais e sexuais dentro das organizações, a pesquisa fornece dados gerais sobre o número de mulheres em cada instituição policial.

**Opinião dos Policiais Brasileiros sobre reformas e modernização da Segurança Pública:** realizada em 2014 pela FGV em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a pesquisa questiona os policiais sobre o que funciona ou não no modelo atual de Segurança Pública brasileiro. Questões sobre treinamento, disciplina, hierarquia e burocracia são ponderadas pelos policiais, e os números indicam que mudanças são necessárias. Os números foram usados no Capítulo 3, que discute justamente a necessidade de reformas no nosso modelo de Segurança Pública.

**Mapa da Violência 2015:** pesquisa mais completa sobre os índices de violência brasileiros, o Mapa da Violência nos forneceu número geral de homicídios, número específico por estado, em quais estados se morre mais por arma de fogo e quais são os crimes mais comuns no Brasil. Esses dados básicos foram essenciais para a construção de toda a narrativa, mas foram mais importantes ainda no Capítulo 6, que fala da violência policial.

**O bom policial tem medo:** publicado no fim do primeiro semestre de 2016 pela ONG Human Rights Watch, esse relatório discorre sobre os principais problemas por que passam os policiais militares da PMERJ: falhas na formação do policiais, casos de abuso moral e abuso de poder, corrupção e as dinâmicas do matar e do morrer no estado onde operações policiais parecem cenários de guerra. Além de entrevistar policiais militares de alta patente, a ONG procurou por praças de patente mais baixa que, sob a

condição de anônimos, relatam situações em que presenciaram ou cometeram abusos de violência nas ruas. Execuções sumárias, métodos de tortura e acobertamento de crimes são descritos, e casos de violência são acompanhados de documentos de autópsia das vítimas. Os relatos dos policiais e os dados fornecidos pelo relatório foram muito importantes para a construção do Capítulo 6, que trata da violência policial.

**Por que os policiais se matam:** resultado de uma pesquisa feita com policiais da PMERJ por pesquisadores — alguns deles policiais militares — do Grupo de Pesquisa e Prevenção em Suicídio (GPeSP), esse livro, disponibilizado como *ebook* online, traça um perfil do policial suicida no Rio de Janeiro, estado em que policiais militares mais sofrem com estresse. Além de discorrer sobre as principais características que indicam que um policial está sob níveis de sofrimento mental muito grandes, que podem levar ao suicídio, o livro critica a falta de atenção dos comandantes à condição psíquica dos policiais — que não recebem folga quando presenciam a morte de um colega ou quando são obrigados a atirar em alguém — e as condições precárias do atendimento psicológico dentro da instituição, que tem 70 profissionais para atender 48 mil policiais, e cujos comandantes não incentivam que os subordinados procurem atendimento psicológico. Esse *ebook* foi essencial para a roteirização do Capítulo 1, que fala sobre as condições de sofrimento e estresse dos policiais dentro de sua rotina nas ruas.

**9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública:** publicado em 2015 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o anuário faz um apanhado geral dos dados de Segurança Pública, relatando número de prisões, número de pessoas mortas durante intervenções policiais, número de policiais mortos durante o serviço, entre outros. Além de apresentar os dados, os autores fazem uma análise dos números e comparações com anos anteriores.



### 4.2.3 Clipping

Como a pauta era complexa, por abordar a PM no Brasil e não em apenas um estado, resolvemos fazer também um processo de clipagem (ou *clipping*), que é quando são selecionadas notícias e reportagens de vários jornais para fazer um apanhado de conteúdo sobre o mesmo tema. No último mês de apuração, entre junho e julho, estabelecemos uma meta diária a ser seguida, incluindo sábados e domingos: cada um leria e ficharia três textos. No final, acabamos clipando cerca de 180 matérias que, além de terem fornecido mais documentos e dados, também ajudaram a aumentar o número de fontes para o livro-reportagem.

Vale ressaltar que os veículos mais consultados foram os portais online da *Folha de S. Paulo*, *Estado de São Paulo*, *El País Brasil*, *HuffPost Brasil*, *Nexo* e *G1*, o coletivo de jornalismo independente *Ponte* e a revista impressa *Galileu* (mais precisamente as edições de março e agosto, que continham as reportagens “Bandido bom não é bandido morto” e “Quem tem medo da polícia?”, respectivamente).

### 4.3 Produção

Começamos o processo de produção do trabalho uma semana depois do fim do processo de apuração. Estipulamos mais uma vez prazos para todas as tarefas que tínhamos que cumprir: durante a roteirização, tentaríamos criar um capítulo por dia, e durante a execução, o Luiz Fernando desenharia duas páginas por dia (inclusive nos fins de semana e feriados), enquanto a Amanda cuidaria da diagramação, da transcrição dos recordatórios e da colorização, sem ter, necessariamente, que colorir no mesmo dia as duas páginas que o Luiz Fernando havia desenhado. Fizemos os cálculos e, se não tirássemos nenhuma folga, terminaríamos no dia 14 de outubro, o que nos daria uma boa margem para terminar de escrever com calma o relatório e fazer as correções necessárias no livro.

De uma maneira geral, conseguimos no ater à meta, e só atrasamos dois dias. Terminamos a primeira versão do trabalho no dia 16 de outubro, porque nos permitimos não trabalhar nos dias dos nossos aniversários. Nos próximos tópicos vamos explicar mais detalhadamente como funcionou o processo de produção.

### 4.3.1 Roteiro

Como já foi dito, começamos a produzir o roteiro mais ou menos uma semana depois de termos finalizado a apuração. Tiramos esses dias para organizar as informações e agrupá-las de acordo com as informações que considerávamos importantes para cada capítulo, já que já tínhamos uma noção geral da estrutura do livro, que foi aparecendo na conversa com as fontes e na leitura dos documentos, ainda na fase de apuração.

Ao fim dessa separação, tínhamos oito documentos, que tinham uma média de 20 páginas cada. Os dois capítulos mais densos, como o 2 — que discute os principais problemas dentro da instituição da Polícia Militar — e o 6 — que trata da violência policial — obviamente ficaram maiores que os outros, e tinham juntos 97 páginas de informação. Imprimimos esses documentos, para facilitar a consulta, e lemos um por dia. Depois de lermos nós dois o capítulo do dia, começávamos a discutir possíveis estruturas, textos e desenhos.

A produção de alguns capítulos, como o 2, levou cerca de seis horas; outros, como o 5, terminamos em menos de duas. Abaixo, explicamos a estrutura de cada um dos capítulos, e as referências de quadrinhos que utilizamos na produção:

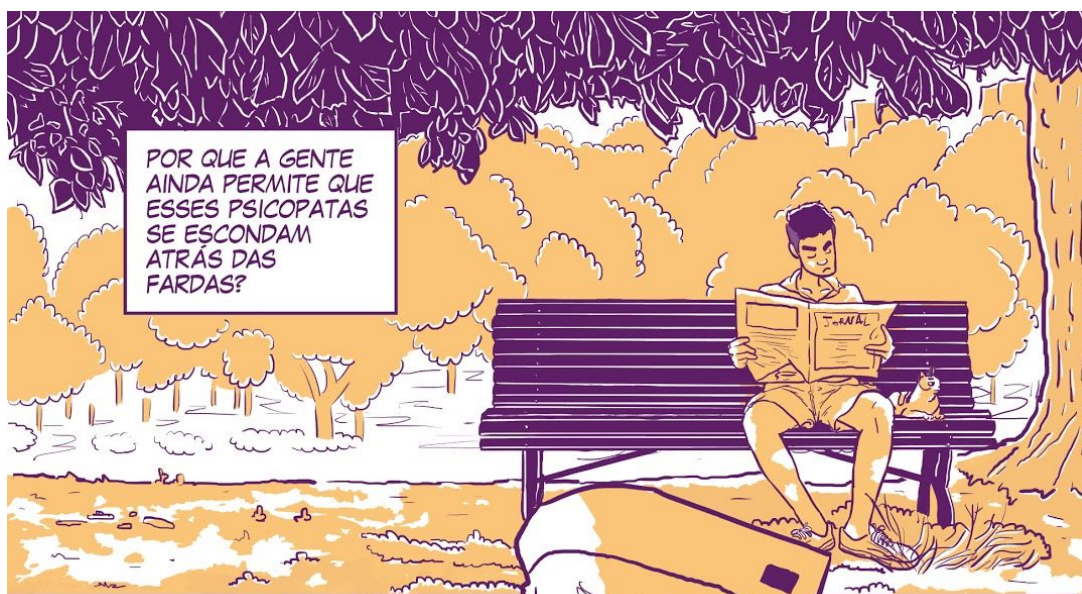


Imagem 3 - página 6

**Prólogo:** o prólogo explica as motivações que nos levaram a produzir esse trabalho, o início do nosso processo de apuração e as principais dificuldades que

encontramos durante a produção, principalmente no que diz respeito às entrevistas com policiais militares e à coleta de dados sobre Segurança Pública. Por falar sobre nossas motivações pessoais, achamos que a única maneira válida de adotar o modelo que **Joe Sacco** utiliza em suas reportagens em quadrinhos fosse aqui, já que o tema não nos dizia respeito e éramos simplesmente os repórteres que buscavam a história. Por isso, nesse primeiro momento, a narrativa é em primeira pessoa e nós somos os protagonistas dela.

O prólogo também foi utilizado para apresentar ao leitor os principais conceitos que vão acompanhá-lo ao longo do livro. Os PMs são apresentados com a farda amarela; as cenas de violência que têm sangue são coloridas em escala de cinza, e não nas cores amarela e roxa habituais; os personagens negros são apresentados com traços sobre a pele, em referência tirada da *graphic novel Habibi*, de Craig Thompson (informações mais específicas serão apresentadas na seção “Desenho” do relatório).



Imagem 4 - página 22

**Capítulo 1:** esse capítulo personifica a Polícia Militar na figura de um único homem, um praça já em fim de carreira, para tratar dos principais problemas que a rotina do policial causa ao trabalhador — os baixos salários, as dificuldades de trabalho e os riscos corridos pelo PM no dia-a-dia, a corrupção e os abusos de poder

existentes dentro da corporação, a violência e a falta de reconhecimento ao trabalho policial e outras questões, principalmente às que se referem ao sofrimento mental dos PMs — em uma simulação de entrevista. Para produzir esse capítulo, em que os pensamentos do protagonista surgem da fumaça do cigarro e o clima é mais sombrio, nos inspiramos no quadrinho *Black Sad*.



Imagem 5 - página 42

**Capítulo 2:** esse capítulo se utiliza de uma repetição na estrutura do discurso e do humor para expor os principais problemas da Polícia Militar como instituição: corrupção, abuso moral, falhas na formação dos aspirantes, humilhação, segregação e falta de comunicação entre praças e oficiais, machismo, homofobia, entre outros. Para isso, nos utilizamos dos próprios regulamentos disciplinares das PMs consultadas, cujas transgressões disciplinares passíveis de punição são, algumas vezes, absurdas. Repetimos a estrutura de um discurso institucional, que começava sempre com “Nós somos a Polícia Militar!” e, ao longo do discurso, os policiais se perdiam e acabavam revelando os problemas da instituição. A cada erro, os narradores, que não são apresentados graficamente na narrativa e aparecem apenas como vozes, autores daquela

parte do livro reportagem, voltavam ao início do discurso e tentavam glorificar a PM através de outra característica presente em seu Regulamento Disciplinar.

A estrutura desse capítulo da reportagem se assemelha muito a uma charge, com narrativa curta, rápida, agressiva e carregada de humor. De acordo com Bertol e Pase, a charge se utiliza do humor com o objetivo de penetrar na realidade e, por meio do riso, levantar questões que suscitem uma reflexão crítica por parte do leitor.

O sentido a que se compromete a charge é aquele que supõe uma produção de verdade única através da sua penetração na realidade política-social. A charge, na maior parte da sua trajetória, interpreta o real de maneira agressiva, crítica e atrativa. Agressiva por subverter a realidade e tomar isso como uma revelação de verdade; crítica por afrontar o bom-senso e senso comum; e atrativa por se debruçar sobre a realidade e dela provocar novos olhares sobre os fatos. (BERTOL; PASE, 2010)

Esse era justamente o nosso objetivo: com a ajuda do cômico, conseguimos mostrar as brechas, as falhas e os erros da Polícia Militar como instituição. Erros cometidos contra a população e contra o próprio policial. Chamando atenção pelo riso, convocamos os leitores a entender os atrasos e as injustiças da organização da PM e de todo o nosso modelo de Segurança Pública. Esse entendimento chega até aos autores do discurso institucional da narrativa que, após falhar muitas vezes, desistem e concordam que é preciso fazer reformas antes de se propor a escrever um discurso de glorificação da instituição.

As maiores referências do capítulo foram o autor franco-canadense **Guy Delisle** e a *webcomic* ***Owlturd Comix***.



Imagem 6 - página 67

**Capítulo 3:** em resposta ao capítulo anterior, o Capítulo 3 se propõe a apresentar soluções para os problemas institucionais da Polícia Militar. Nesse capítulo são discutidas as principais propostas de reforma do sistema brasileiro de Segurança Pública: a desmilitarização, o ciclo completo de trabalho policial, o fim da duplicidade de estruturas de carreiras, entre outros. Por exigir uma grande quantidade de explicações e também pelo fato de o capítulo anterior ter tido uma linguagem muito irônica e apelativa, esse capítulo foi construído com uma estrutura mais didática e educativa e uma quantidade muito maior de texto do que os outros.



Imagem 7 - página 75

**Capítulo 4:** o capítulo anterior termina suscitando uma discussão sobre a desmilitarização das práticas militares nas ações policiais. Excesso de cautela, de equipamentos e de violência em situações que não apresentam perigo à vida dos policiais, como por exemplo, ir com coletes de bala, fuzis e equipamentos de ponta para prender um político em casa. Essa discussão é retomada no Capítulo 4, que analisa, a partir apenas da perspectiva das fontes — o capítulo é todo construído em balões de diálogo, sem nenhum recordatório — como a mídia constrói a imagem da Polícia Militar e dos policiais. Os PMs são todos violentos, repressivos e desumanos na abordagem atual da mídia, que espetaculariza ações policiais repressivas em vez de apresentar à população o policial comunitário, que conhece os problemas do bairro em que atua e trabalha com os cidadãos para resolver problemas comuns. Esse capítulo é construído com a estrutura de um documentário, com tela de abertura (“A construção da imagem”, acompanhada dos nomes dos autores) e os quadros transformados em pequenas telas de televisão antigas, semelhantes às criadas por Frank Miller e Klaus Janson para ilustrar o noticiário de *Batman, o cavaleiro das trevas*.

A estrutura de documentário do capítulo é baseada em *Three Fingers*, uma *graphic novel* criada por Rich Koslowski em formato de documentário para “explicar”,

por meio de fotos e depoimentos, porque os personagens de desenhos famosos do século passado só tinham três dedos.



Imagem 8 - página 101

**Capítulo 5:** sem diálogos ou recordatórios, esse capítulo se propõe a contar um dia na vida de um policial comum, o policial que não participa de ações repressoras espetacularizadas pela mídia, o policial que não é violento no dia-a-dia e não têm seu cotidiano tomado pelo estresse de levar um tiro a qualquer momento. O protagonista é um jovem praça já com alguns anos de carreira, que trabalha dentro de uma viatura baseada o dia todo. Seu trabalho é tedioso, arrastado e sem emoção: as horas passam se arrastando, nada acontece. A estrutura dos quadros é a tradicional, sem grandes mudanças na diagramação, com eventuais quadros menores que mostram detalhes de algumas das ações do personagem, como escovar os dentes e esperar o filho que sai da escola. Segundo Eisner, ao contrário da situação em que os quadrinhos têm tamanhos diferentes, uma página com quadrinhos de tamanho igual serve apenas para “limitar a visão do leitor, nada mais” (EISNER, 1999). A leitura é rápida quando o PM tem o que fazer, mas também consegue se tornar incrivelmente lenta nas situações de tédio — principalmente no decorrer de seu trabalho, onde se limita a observar a rua pela janela



da viatura enquanto seu colega de trabalho tira um cochilo encostado à outra janela — com uma sequência de quadros com praticamente o mesmo desenho. Nosso objetivo era mostrar a vida do policial militar que está fora dos holofotes, do trabalhador que sai de casa cedo, passa o dia todo envolvido em qualquer atividade às vezes não tão gratificante, busca o filho na escola, janta com a família e se deita cedo para acordar cedo outra vez no outro dia. Nosso objetivo era mostrar o policial como humano, fugindo assim do padrão de abordagem da mídia que havia sido criticado no capítulo anterior.



Imagem 9 - Página 111

**Capítulo 6:** contrastando com o capítulo anterior, pegamos os policiais “fora da curva”. Discutir a violência policial e os problemas que gera para nosso modelo de Segurança Pública, nossa polícia e nossa sociedade, mas, principalmente, procurar as causas dessa violência estar tão enraizada em nossas instituições policiais era o objetivo principal desse capítulo. A narrativa segue dois casos reais de execuções extrajudiciais cometidas por policiais militares: na noite de Ano Novo do ano de 2015, em São Paulo, dois homens foram assassinados depois de tentarem explodir um caixa eletrônico do Banco do Brasil. Os dois estavam desarmados, e correram quando avistaram a polícia.

Quando encontrados, um a 130 metros de distância do outro, se renderam e colocaram as mãos para o alto. Mesmo assim foram executados: um com sete tiros e o outro com seis.

O caso não chegou à grande mídia, mas foi noticiado pelo coletivo de jornalismo independente *Ponte*, especialista em Segurança Pública. O *Ponte*, inclusive, tem em uma de suas reportagens um link que leva a uma reconstituição do caso, passo a passo. Essa reconstituição de 70 fotos foi utilizada por nós para retratar da maneira mais fiel possível os acontecimentos daquela noite.



Imagem 10 - Uma das fotos da reconstituição que utilizamos para roteirizar e desenhar o capítulo 6/ *Ponte Jornalismo*

A narrativa que problematiza as causas da violência policial e os problemas decorrentes dela segue em paralelo ao caso, que corre nos desenhos e nos balões de diálogo. Esse tipo de narrativa em que desenho e texto trazem informações diferentes é chamado de Interseccional (McCLOUD, 2008).



Imagem 12 - página 136

**Capítulo 7:** esse é o capítulo de conclusão da reportagem, e, após destrinchar grande parte dos problemas da Polícia Militar e os problemas decorrentes desses problemas, nosso objetivo era demonstrar que de nada adianta cobrar mudanças apenas do nosso modelo de polícia. O problema é maior: não está só no modelo de Segurança Pública, mas sim em uma sociedade que apoia o “bandido bom é bandido morto”, que se preocupa com prisão e não reabilitação e que se acomoda e prefere soluções imediatas a grandes mudanças que eventualmente possam solucionar problemas.

Essa conclusão não nos veio de imediato. Ela surgiu de conversas com fontes, que creditavam, em partes, a violência policial a uma cultura muito maior, enraizada nos mais diversos segmentos da sociedade: a cultura da violência.

À medida em que fomos percebendo que a existência dessa cultura da violência era praticamente unanimidade entre os entrevistados, decidimos perguntar a eles como mudar essa cultura. As soluções, garantiram todos eles, são demoradas e difíceis de executar, mas se colocadas em prática, podem ajudar a melhorar não apenas nossas polícias, como toda a sociedade. As contribuições dessas fontes estão presentes nesse capítulo, criado com uma narrativa que começa descontraída, quase infantil, mas vai se tornando mais dura à medida em que as questões surgem e os verdadeiros problemas

tomam forma. Depois de passar por segmentos como a vida privada e a vida pública, o capítulo chega às recomendações que devem ser feitas aos policiais, e termina com um apelo que é importantíssimo para a redução dos níveis de violência: que aprendamos a nos enxergar uns nos outros.

#### **4.3.2 Diagramação e notas**

No dia seguinte à finalização do roteiro, a Amanda começou a diagramar o livro-reportagem. Abrimos um arquivo no Adobe InDesign com as medidas de um livro comercial tradicional americano (15,5 cm de largura por 23,5 cm de comprimento) com 150 páginas, já que precisávamos inserir, além das páginas desenhadas, folha de rosto, dados editoriais, um sumário e notas. No primeiro dia, a Amanda diagramou as páginas que o Luiz Fernando tinha que desenhar, para depois se focar na meta de diagramar um capítulo por dia. A diagramação dos capítulos ficou, então, pronta em oito dias, já que o trabalho era apenas “transportar” as formas desenhadas no roteiro para o arquivo do InDesign.

Depois de diagramar todo o trabalho, a Amanda ficou encarregada de digitar as notas e numerá-las no decorrer dos capítulos. Porém, como algumas numerações só podiam ser colocadas após o término do desenho (o Luiz fazia o letramento dos balões à mão), o processo de redação das notas foi a última coisa que terminamos.

#### **4.3.3 Desenho**

Após a diagramação e a redação, estabelecemos uma meta diária de produção: o Luiz Fernando desenharia duas páginas por dia e a Amanda coloriria e finalizaria (colocação das notas, paginação e inserção no projeto do InDesign) à medida que ele fosse terminando. Começamos no dia 10 de agosto, então a previsão de término era dia 13 de outubro, se não parássemos nenhum dia. O desenho foi concluído no dia 15, já que não produzimos nas datas dos nossos aniversários.

Simultaneamente à produção do roteiro, decidimos qual paleta de cores seria utilizada na colorização do trabalho. Na verdade, já vínhamos pensando sobre quais cores iríamos utilizar, e estava decidido, até então, que utilizaríamos duas cores, além do branco, e que gostaríamos que uma delas fosse próxima do ocre, que é a cor da farda da PM na maior parte dos estados. Era necessário agora, então, escolher qual o tom do

ocre e qual seria a outra cor que comporia as páginas do livro-reportagem. Acabamos escolhendo a cor parecida a utilizada em algumas partes de *Asterios Polyp* (RGB 250, 197, 121). Pouco depois, decidimos também que, nas cenas que tivessem sangue, tiraríamos a cor do quadrinho, deixando preto e branco, e só colorindo o sangue de vermelho vivo (RGB 93, 3, 4). Com isso, não poderíamos desenhar a line art com fio preto. Optamos então por um roxo mais sóbrio, cor oposta ao amarelo no círculo cromático, para contrastar (RGB 94, 31, 102). Como um dos capítulos — o da violência policial — se passava todo no período noturno, tivemos que utilizar uma cor de roxo mais clara (RGB 136, 86, 140)

Os desenhos foram feitos no programa Krita, em RGB e 300dpi de resolução com uma Mesa Gráfica Wacom Intuos. Já a arte final foi feita no Photoshop CS6 com uma Mesa Gráfica Wacom Draw.

Para ajudar na hora de desenhar, tiramos fotos de nós mesmo nas posições e nos ângulos que seriam feitos os desenhos. Em relação aos objetos procuramos referências em bancos de imagens e até em sites que vendiam o produto. No caso das armas de fogo, por exemplo, utilizamos as fotos do próprio site da *Taurus*.



Imagem 13 - Página com foto de referência



Imagem 14 - Página pronta

É importante citar que nosso método de desenho foi baseado no que Scott McCloud diz em seus dois principais manuais, já citados anteriormente. De acordo com o autor, quando se desenha uma *graphic novel*, ou um trabalho em quadrinhos mais extenso, é esperado que, no final, os desenhos estejam bem mais fluidos, com traços mais leves. A dica é que nunca se desenhe as páginas em ordem, para que o leitor não perceba essa evolução e que não fique incomodado com isso. Por isso, decidimos começar pelo capítulo mais “tradicional” — que seria o Capítulo 3 — passar para os mais difíceis e trabalhosos — 6, 5, 2 —, passamos para os mais divertidos de desenhar — 4 e 1 — e aproveitamos o ápice da técnica para finalizar a produção com o Prólogo e o capítulo final.

Outro aspecto do desenho que acreditamos ser importante foi a representatividade racial. Não queríamos desenhar pessoas negras com peles de cor diferente, nem asiáticos com olhos em forma de “traço”. Então acabamos fazendo a pele traçada como em *Habib*, do Craig Thompson, e os olhos mais puxados e amendoados de *Lucky Penny*.

#### 4.3.4 Capa

Da mesma maneira que na maior parte dos quadrinhos, como *Chinês Americano*, *Sopa de Salsicha* e *O Quinto Beatle*, a paleta de cores escolhida para a capa é diferente da que é usada no interior da reportagem. Por conta do título *Me disseram que haveria sangue*, pareceu óbvio que a cor predominante na capa deveria ser o vermelho. Optamos por um vermelho forte e vivo, em contraste com o vermelho mais escuro que pinta as manchas de sangue das páginas do miolo.

Já que o vermelho era a cor predominante, escolhemos sua cor complementar, o azul, para destacar o título do fundo. Como o título era muito extenso para caber na página tanto na vertical quanto na horizontal — e também não queríamos que a diagramação ficasse monótona — montamos uma caixa em um formato próximo de um retângulo e encaixamos umas palavras nas outras, variando os pesos da fonte para destacar as palavras-chave do título.

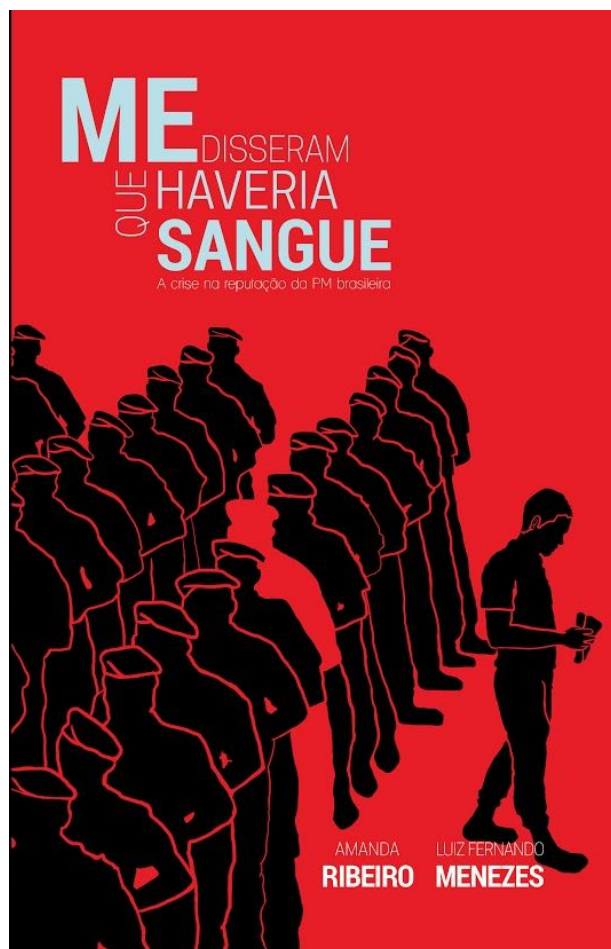


Imagem 15 - capa do livro-reportagem

A ilustração do policial militar abandonando a formação de certa forma resume a crise de identidade da PM: seja por falta de salário digno reconhecimento ou ação, seja pelo risco ou pela corrupção ou por ter sofrido abuso de qualquer espécie, o policial militar não quer mais vestir sua farda. A PM não se mostrou para ele como imaginava que se mostraria. Então decidiu deixá-la, levando na mão a boina que os outros ostentam de cabeça erguida.

À medida em que os temas e, conseqüentemente, os títulos do livro-reportagem mudaram, as capas também mudaram. Algumas delas seguem abaixo:



Imagem 16 - primeira capa



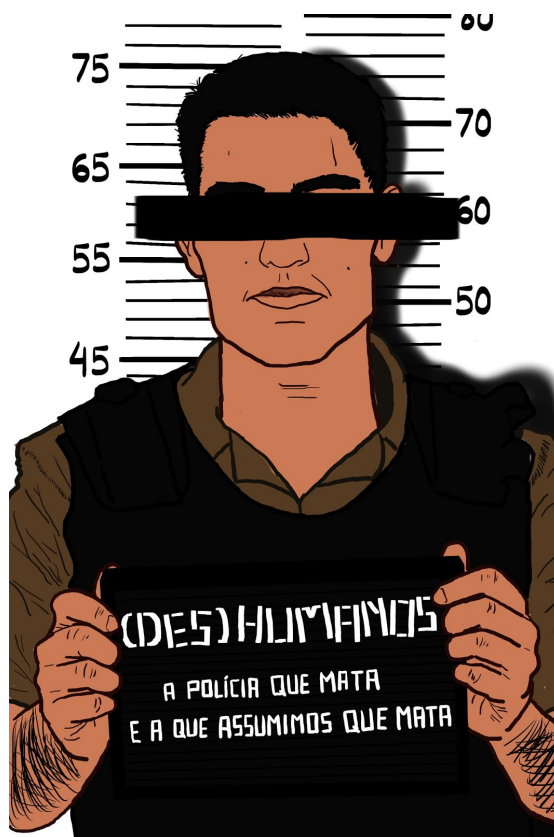


Imagem 17 - Segunda Capa

#### 4.4 Impressão

Depois de realizar todas as correções necessárias, levamos o produto para impressão na gráfica \_\_\_\_\_. O livro foi impresso em papel \_\_\_\_\_ gramatura \_\_\_\_\_. A capa foi impressa em papel \_\_\_\_\_ gramatura \_\_\_\_\_. Imprimimos \_\_\_\_ cópias.

Decidimos pelo papel e a gramatura da parte interna do livro por

## 5. RECURSOS

Como já tínhamos previsto no projeto, a produção desse trabalho não acarretou em grandes custos para nós. Isso porque dos equipamentos necessários — dois computadores, dois *tablets* de desenho e uma câmera para tirar as fotos de referência — só nos faltava um *tablet*, para o qual já vínhamos economizando desde o semestre anterior à produção do trabalho. Compramos o mais simples dos *tablets* da Wacom e, fora isso, gastamos apenas com duas corridas de táxi até a 11ª Região de Polícia Militar de Santa Catarina, em São José, onde fomos para entrevistar Araújo.

### 5.1 Equipamentos que já possuíamos antes de começar o trabalho

DESCRIÇÃO	PREÇO APROXIMADO	ORIGEM
<i>Tablet</i> Wacom Intuos	R\$ 400	Recursos próprios
Notebook Acer Aspire	R\$ 2000	Recursos próprios
Notebook Avell B Fire 153	R\$ 4000	Recursos próprios
Câmera Nikon D5100	R\$ 1800	Recursos próprios
<b>TOTAL: R\$ 8200</b>		

### 5.2 Totalidade dos equipamentos utilizados para a produção do trabalho

DESCRIÇÃO	PREÇO APROXIMADO	ORIGEM
<i>Tablet</i> Wacom Intuos	R\$ 400	Recursos próprios
<i>Tablet</i> Wacom Intuos Draw	R\$ 400	Recursos próprios
Notebook Acer Aspire	R\$ 2000	Recursos próprios
Notebook Avell B Fire 153	R\$ 4000	Recursos próprios
Câmera Nikon D5100	R\$ 1800	Recursos próprios
Transporte	R\$ 80	Recursos próprios
Impressão		Recursos próprios

<b>TOTAL: R\$ __</b>
----------------------

### 5.3 Valor total do trabalho

O valor cobrado pela produção do trabalho está de acordo com a Tabela de Freelas do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina.<sup>9</sup>

<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>PREÇO APROXIMADO</b>	<b>ORIGEM</b>
<i>Tablet Wacom Intuos</i>	R\$ 400	Recursos próprios
<i>Tablet Wacom Intuos Draw</i>	R\$ 400	Recursos próprios
Notebook Acer Aspire	R\$ 2000	Recursos próprios
Notebook Avell B Fire 153	R\$ 4000	Recursos próprios
Câmera Nikon D5100	R\$ 1800	Recursos próprios
Transporte	R\$ 80	Recursos próprios
Impressão		Recursos próprios
Produção de publicação (redação, edição, diagramação) de 180 páginas	R\$ 45.000	
Ilustração da capa da publicação	R\$ 650	
Ilustração de 126 páginas	R\$ 25.200	
<b>TOTAL: R\$ __</b>		

<sup>9</sup> Disponível em: <http://jornalistas.sjsc.org.br/tabela-de-freelas/>

## 6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Como já foi dito antes nesse relatório e no próprio livro-reportagem, uma de nossas maiores dificuldades foi o contato com os policiais militares. A maior parte deles eram fechados e, quando se dispunham a conversar conosco, se limitavam a responder nossas perguntas em poucas palavras. O comportamento durante as entrevistas, é claro, variou, mas na maior parte das vezes tivemos problemas para nos aproximarmos o suficiente das fontes de forma a sentir em suas falas a sinceridade que precisávamos para realizar um bom trabalho.

Enquanto fazíamos o roteiro, a preocupação principal foi conseguir incorporar o volume de informações que tínhamos, que era enorme, em uma quantidade específica de caracteres por página, que havíamos determinado durante a pré-produção para não sobrecarregar as páginas de texto e, assim, reproduzir uma das características que não gostamos nos trabalhos de Joe Sacco. Conseguimos fazê-lo com a ajuda de notas, onde creditamos as fontes e inserimos informações complementares que considerávamos importantes para a compreensão total do texto, mas que, caso não fossem lidas, não atrapalhariam tanto a leitura.

Aliás, o posicionamento das notas foi outra dificuldade, visto que tínhamos pouco espaço para tantas notas (o Capítulo 2 chega a ter mais de 40). Na impossibilidade de colocá-las no rodapé, porque poderiam ser cortadas na impressão final e porque em alguns capítulos eram cheios de “imagens sangradas”, decidimos, como já foi explicado em “Diagramação e notas”, colocá-las em uma seção própria no fim do livro, a exemplo de outros livros-reportagem, como *O dono do morro*, de Misha Glenny, e *Reportagens*, de Joe Sacco.

Quando começamos a produzir, o obstáculo principal foi outro: o tempo. Como decidimos no início que queríamos bastante tempo para poder revisar e lapidar o trabalho, fixamos uma meta de produção de duas páginas por dia. Isso por si só já um problema, mas as coisas pioraram quando acabamos tendo que, simultaneamente, diagramar, transcrever os textos, redigir as notas e a seção “Além das Notas”. Foi preciso muito foco e responsabilidade para nos fixarmos na meta. No fim, acabamos conseguindo: como dito antes, atrasamos o processo de produção em dois dias, com a boa desculpa de que precisávamos comemorar nosso aniversário não trabalhando.

Mas o tempo não foi só uma de nossas dificuldades: foi o nosso maior aprendizado. Produzir um livro-reportagem em quadrinhos com 126 páginas de desenho em dois meses com certeza não é fácil, tanto que no fim do processo de produção estávamos cansados, apáticos e até um pouco angustiados. Mas nós conseguimos. Conseguimos, em dois meses, produzir um trabalho que consideramos bom (melhor até do que esperávamos, se for para sermos bem sinceros). E saber que conseguimos nos torna mais confiantes que, no futuro, depois da graduação, possamos continuar produzindo reportagens em quadrinhos para um mercado que carece e pede por novas maneiras de se fazer jornalismo, mesmo com o pouco tempo que provavelmente teremos. E por mais que tenha sido difícil recusar convites de amigos, trabalhar até tarde e abdicar de (vários) momentos de lazer, com certeza valeu a pena.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTOL, Sônia Regina Schena; PASE, Fabiano. **Opinião e Humor**: uma análise sobre o gênero charge. Artigo apresentado no XI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, Novo Hamburgo, 2010.

CANO, Ignacio. **The use of lethal force by police in Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, ISER, 1997.

DIAS, Anelise. **Estamos errando o foco sobre segurança pública?** Uma conversa com Luiz Eduardo Soares, pelo viés de Anelise Dias, 2015. Disponível em: <<http://www.revistaovies.com/entrevistas/2015/11/estamos-errando-o-foco-sobre-seguranca-publica/>>. Acesso em: 10/10/2016.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Narrativas gráficas**: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos. São Paulo: Devir, 2ªed., 2008.

FERREIRA, Carlos Rogé. Discursos sobre o Novo Jornalismo, o Romance-Reportagem e o Livro-Reportagem. In: FERREIRA, Carlos Rogé. **Literatura e Jornalismo, práticas políticas**. São Paulo: Edusp, 2003, p. 279 - 327.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **9º Anuário de Segurança Pública**. São Paulo, 2015.

HUMAN RIGHTS WATCH. **O bom policial tem medo**: os custos da violência policial no Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <[https://www.hrw.org/sites/default/files/report\\_pdf/brazil0716portweb.pdf](https://www.hrw.org/sites/default/files/report_pdf/brazil0716portweb.pdf)> Acesso em: 10/10/2016.

INSTITUTO de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro. **Mudamos**: Segurança Pública — Relatório do Ciclo de debates. Rio de Janeiro: 2016. Disponível em: <[https://mudamos-its-production-images.s3.amazonaws.com/uploads/production/compilation\\_files/1/files/original.pdf?1472596045](https://mudamos-its-production-images.s3.amazonaws.com/uploads/production/compilation_files/1/files/original.pdf?1472596045)>. Acesso em 13/10/2016.

McCLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2008.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e Literatura**. Porto Alegre: JÁ Editoras, 2009.

RAMOS, Paulo. Jornalismo em quadrinhos ou quadrinhos com jornalismo?. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu (orgs.). **Enquadrando o real**. São Paulo, 2016, p. 198 - 229.

SHACK, Todd. “A failure of language”: achieving layers of meaning in graphic journalism. **Journalism**, v.15, p. 109-127, 2014. Disponível em: <<http://jou.sagepub.com/content/15/1/109.full.pdf+html>>.

SOARES, Luiz Eduardo. **Por que tem sido tão difícil mudar as polícias?**. 2015. Disponível em: <<http://www.luizeduardosoares.com/?p=1291>>. Acesso em 16/10/2016.

SOUZA JÚNIOR, Juscelino Neco de. **Imagem, narrativa e discurso da reportagem em quadrinhos de Joe Sacco** [dissertação]; orientadora, Gislene da Silba. Florianópolis: UFSC, 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009a, p. 7- 29.

WILLIAMS, Kristian. The Case for Comics Journalism. **Columbia Journalism Review**. Nova Iorque, v.2, 2005. Disponível em: <<http://www.crj.org/issues/2005/2/ideas-essay-williams.asp>>. Acesso em 25/03/2016 às 18:45.

## 8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

### 8.1 Livros

BÁRBARA, Vanessa. **O livro amarelo do terminal**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BARCELOS, Caco. **Abusado**: o dono do Morro da Dona Marta. Record: 2003.

\_\_\_\_\_. **Rota 66**: A história da polícia que mata. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2001.

GLENNY, Misha. **O dono do morro**: um homem e a batalha pelo Rio. Companhia das Letras: 2016.

JAMES, Marlon. **A brief history of seven killings**: a novel. Ruerhead Books: 2014.

LISPECTOR, Clarice; MOSER, Benjamin (org.). **Todos os contos**. Rocco: 2016.

NOGUEIRA, Rodrigo. **Como nascem os monstros**: a história de um ex-soldado da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Top Books: 2012.

SOARES, Luiz Eduardo. **Meu casaco de general**: 500 dias no front de segurança pública do Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

### 8.2 Quadrinhos

BACKDERF, Derf. **My friend Dahmer**. Nova Iorque: Abrams ComicArts, 2012.

BARBARA, Vanessa; NESTI, Fido. **A máquina de Goldberg**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

CANALES, Juan Díaz; GUARNIDO, Juanjo. **Blacksad**. Milwaukee: Dark Horse Comics, 2010.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Blacksad**: A Silent Hell. Milwaukee: Dark Horse Comics, 2012.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Blacksad**: Amarillo. Milwaukee: Dark Horse Comics, 2014.

CLOWES, Daniel. **Ghost World**. Seattle: Fantagraphics, 2001.

COELHO, Rogério. **Louco**: fuga. Barueri: Pannini Comics, 2015.

DELISLE, Guy. **Burma Chronicles**. Londres: Jonathan Cape, 2007.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Crônicas de Jerusalém**. Campinas: Zarabatana Books, 2013.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Pyongyang**: uma viagem à Coreia do Norte. Campinas: Zarabatana Books, 2007.

DE MAIO, Alexandre; DIP, Andrea. **Meninas em jogo**. Disponível em: <http://apublica.org/2014/05/hq-meninas-em-jogo/#ancora>. Acesso em 22/03/2016 às 10:45.



DE MAIO, Alexandre; ZANOLLI, Julia. **Poliamor**. Disponível em: <http://alexandredemaio.myportfolio.com/poliamor>. Acesso em 22/03/2016 às 11:15.

DOCTOROW, Cory; WANG, Jen. **Na vida real**. Nova Iguaçu: Jupati, 2015.

GARROCHO, Luis Felipe. **Bidu: caminhos**. Barueri: Pannini Comics, 2014.

GUAZZELLI, Eloar. **Apocalipse Nau**. São Paulo: Editora Nós, 2015.

HENFIL. **A volta da Graúna**. São Paulo: Geração Editora, 2000.

HIRSH, Ananth; OTA, Yuko. **Lucky Penny**. Portland: Oni Press, 2016.

KOCHALKA, James. **Fungos**. São Paulo: Editora Mino, 2016.

KOSLOSWSKI, Rich. **Three Fingers**. Marietta: Top Shelf Productions, 2002.

MAROH, Julie. **Azul é a cor mais quente**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARQUES, Amanda; MENEZES, Luiz Fernando. **Déficit de Compreensão: Como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade se tornou um rótulo da vida escolar**. Disponível em: <https://medium.com/@luizfernandonmenezes/d%C3%A9ficit-de-compreens%C3%A3o-7e9a9f10d22c#.g4sn54hww>. Acesso em 25/09/2016 às 14:29.

MAZZUCHELLI, David. **Asterios Polyp**. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2011.

McMILLEN, Stuart. **Guerra às drogas**. Disponível em: [http://www.stuartmcmillen.com/comics\\_pt/guerra-as-drogas/](http://www.stuartmcmillen.com/comics_pt/guerra-as-drogas/). Acesso em 21/03/2015 às 19:50.

\_\_\_\_\_. **Pico do petróleo**. Disponível em: [http://www.stuartmcmillen.com/comics\\_pt/pico-do-petroleo/](http://www.stuartmcmillen.com/comics_pt/pico-do-petroleo/). Acesso em 22/03/2015 às 19:55.

MILLER, Frank. **Batman — O cavaleiro das Trevas: Edição Definitiva**. São Paulo: Panini, 2014.

MEDEIROS, Eduardo. **Sopa de Salsicha**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2016.

MENEZES, Luiz Fernando. **Player 2 saiu do jogo**. Disponível em: <https://medium.com/@luizfernandonmenezes/player-2-saiu-do-jogo-8f0424348fc8#.thg6vpevv>. Acesso em 02/03/2016 às 11:00.

MOON, Fábio; BÁ, Gabriel. **Daytripper**. Barueri: Panini Comics, 2011.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Dois irmãos**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2015.

MOORE, Alan. **Grandes Clássicos DC: 09**. Barueri: Panini Comics, 2006.

MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. **Watchmen**. Nova Iorque: DC Comics, 2008.

OKAZAKI, Kyoko. **Helter Skelter**. São Paulo: NewPOP, 2016.

O'MALLEY, Brian Lee. **Seconds**. Nova Iorque: Ballantine Books, 2014.

\_\_\_\_\_. **Scott Pilgrim contra o mundo: vol. 1**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2010.

- \_\_\_\_\_. **Scott Pilgrim contra o mundo:** vol. 2. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Scott Pilgrim contra o mundo:** vol. 3. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2010.
- ONE; MURATA, Yusuke. **One Punch Man:** vol. 1. Barueri: Panini Comics, 2016.
- \_\_\_\_\_. **One Punch Man:** vol. 2. Barueri: Panini Comics, 2016.
- \_\_\_\_\_. **One Punch Man:** vol. 3. Barueri: Panini Comics, 2016.
- PARKS, Andee; SAMNEE, Chris. **Capote no Kansas.** São Paulo: Devir, 2007.
- PEDROSA, Cyril. **Três sombras.** São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2011.
- PEETERS, Frederik. **Pílulas azuis.** Belo Horizonte: Nemo, 2015.
- PINHEIRO, Bianca. **Mônica:** Força. Barueri: Panini Comics, 2016.
- RODRIGUES, Talles. **Cortabundas:** o maníaco do José Walter. São Paulo: Draco, 2015.
- SACCO, Joe. **Notas sobre gaza.** São Paulo: Companhia das Letras. 2010.
- \_\_\_\_\_. **Palestina.** São Paulo: Conrad, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Reportagens.** São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2016.
- \_\_\_\_\_. **Uma história de Sarajevo.** São Paulo: Conrad, 2005.
- SATRAPI, Marjane. **Bordados.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Persépolis.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SELUCK, Nick. **Medical Tales Retold.** Disponível em: <https://tapastic.com/the-awkwardyeti>. Acesso em 27/09/2016 às 23:05.
- SHENANINGANSEN. **Owlturd Comix.** Disponível em: <http://owlturd.com/search/COMIC>. Acesso em 11/10/2016.
- SIBYLLINE. **Primeiras vezes.** Tradução: Fernando Scheibe. 1.ed. São Paulo: Nemo, 2016.
- SPIEGELMAN, Art. **Maus:** a história de um sobrevivente. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2005.
- STARKS, Kyle. **Sexcastle.** Berkeley: Image Comics, 2014.
- STEVENSON, Noelle. **Nimona.** Nova Iorque: HarperCollins, 2015.
- TAMAKI, Jillian; TAMAKI, Mariko. **This one summer.** Nova Iorque: First Second Books, 2014.
- TARDI, Jacques. **Era a Guerra de trincheiras:** 1914-1918. Belo Horizonte: Nemo, 2011.

- THOMPSON, Craig. **Habibi**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Retalhos**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2009.
- VAUGHAN, Brian K. **Y - the last man**. Nova Iorque: Vertigo, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Y- the last man: Cycles**. Nova Iorque: Vertigo, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Y- the last man: One small step**. Nova Iorque: Vertigo, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Y- the last man: Safeword**. Nova Iorque: Vertigo, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Y- the last man: Ring of truth**. Nova Iorque: Vertigo, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Y- the last man: Girl on girl**. Nova Iorque: Vertigo, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Y- the last man: Paper dolls**. Nova Iorque: Vertigo, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Y- the last man: Kimono dragons**. Nova Iorque: Vertigo, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Y- the last man: Motherland**. Nova Iorque: Vertigo, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Y- the last man: Whys and wherefores**. Nova Iorque: Vertigo, 2008.
- VILALBA, Robson. **Notas de um tempo silenciado**. Porto Alegre: BesouroBox, 2015.
- WANG, Jen. **Koko be good: não é fácil ser boazinha**. São Paulo: LeYa Brasil, 2011.
- WARE, Chris. **Jimmy Corrigan: The Smartest Kid on Earth**. Nova Iorque: Pantheon Books, 2000.
- \_\_\_\_\_. **The last saturday**. Disponível em: <http://www.theguardian.com/books/ng-interactive/2014/sep/13/-sp-chris-ware-the-last-saturday-graphic-novel>. Acesso em 20/03/2016 às 16:32.
- YANG, Gene Luen. **O chinês americano**. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2009.

### 8.3 Filmes

- CHOQUE nas ruas** [Trabalho de conclusão de curso]. Direção: Gabriel Shiozawa Coelho. Produção: Gabriel Shiozawa Coelho. 2014. 35 min. Son., Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g8wMqHpDMXk>.
- END of Watch**. Direção: David Ayler. Produção: David Ayler, Matt Jackson, John Leshner e Nigel Sinclair. DeLuxe: 2012. 109 min. Son., Color, Formato: 35mm.
- NOTÍCIAS de uma Guerra Particular**. Direção: Kátia Lund e João Moreira Salles. Produção: Raquel Freire Zangrandi. Videofilmes: 1998. 57 min. Son., Color, Formato: 35mm. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EAMiHc0klRo>.
- POLITIST, Adj**. Direção: Corneliu Porumboiu. Produção: Corneliu Porumbou. SC Periscop Pictures SRL: 2009. 115 min. Son.; Color, Formato: 35 mm.

**QUANDO eu me chamar saudade** [Trabalho de conclusão de curso]. Direção: Daniel Santos, Lailson Nascimento e Renan Xavier. Produção: Daniel Santos, Lailson Nascimento e Renan Xavier. 2014. 24 min. Son., Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JS2u9v4gj38>.

**TROPA de Elite**. Direção: José Padilha. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Zazen Produções : 2007. 115 min. Son., Color, Formato: 35 mm.

## **9. ANEXOS**

### **Anexo 1 - Roteiro do Capítulo 1**

Para ter uma ideia de como foi a produção do trabalho, disponibilizamos abaixo fotos do roteiro do Capítulo 1. Desenhado e escrito à lápis, separamos as páginas em tamanho A4 em duas. As páginas pares eram reservadas ao texto e as ímpares ao rascunho do desenho. Os dois autores participaram de todo o processo.

Como o roteiro completo foi finalizado com 126 páginas, optamos por selecionar apenas um capítulo para o relatório final do Trabalho de Conclusão de Curso.

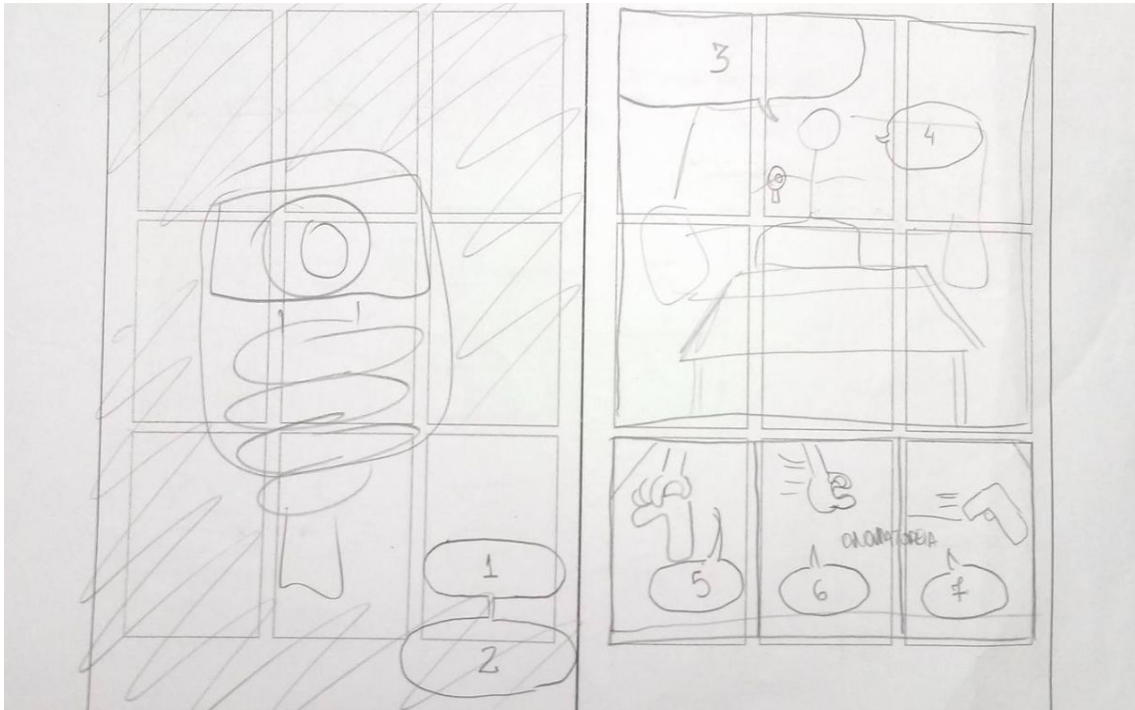


Imagem 18

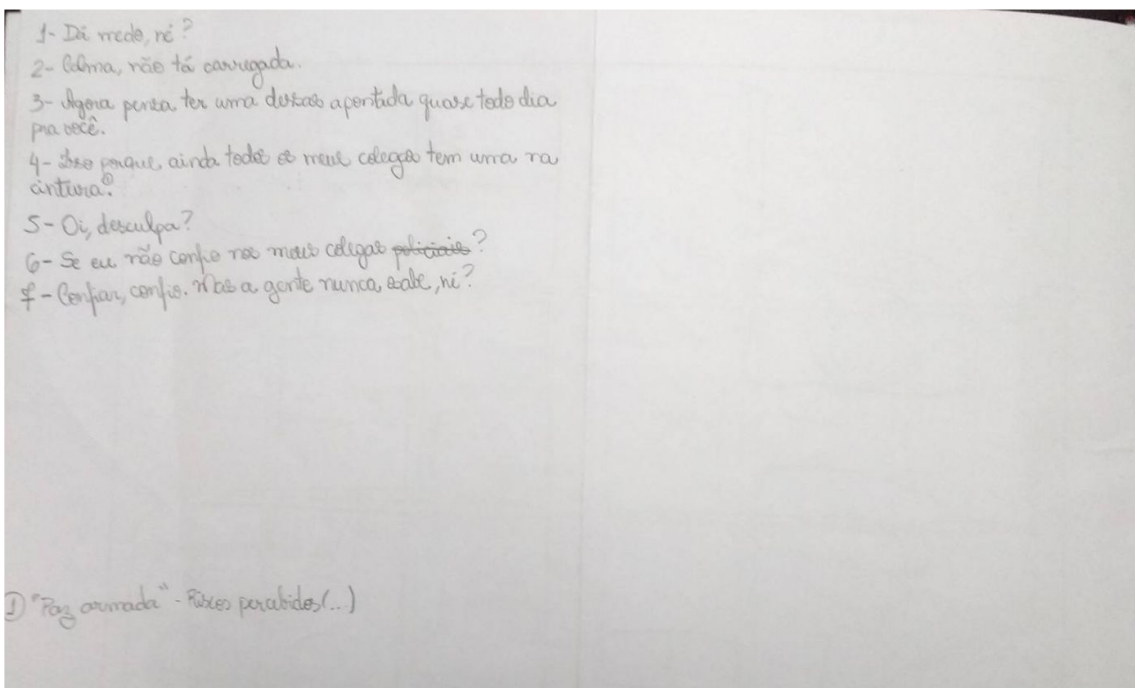


Imagem 19

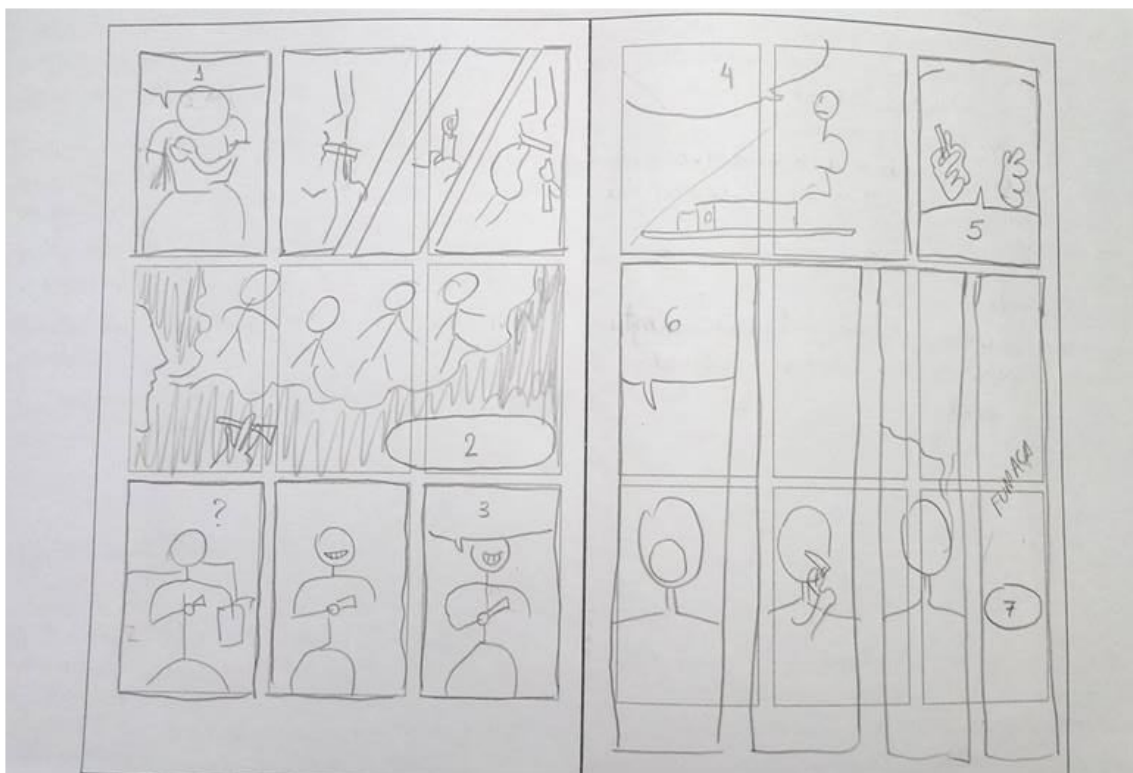


Imagem 20

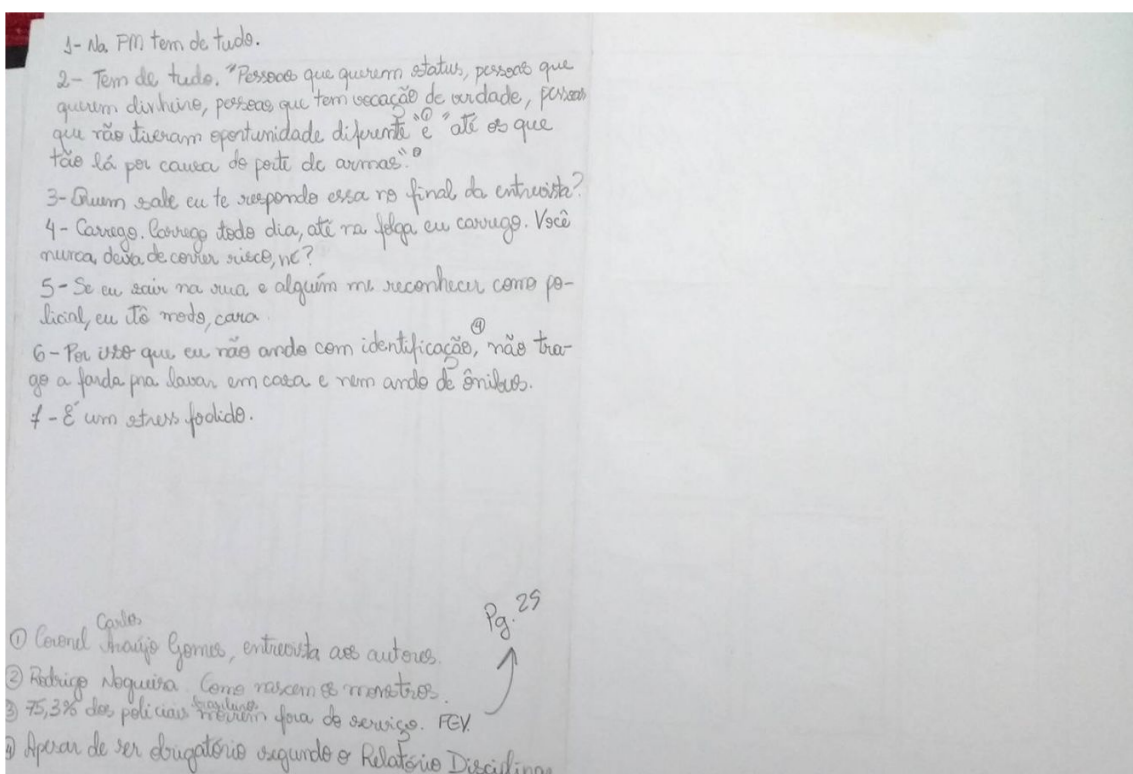


Imagem 21

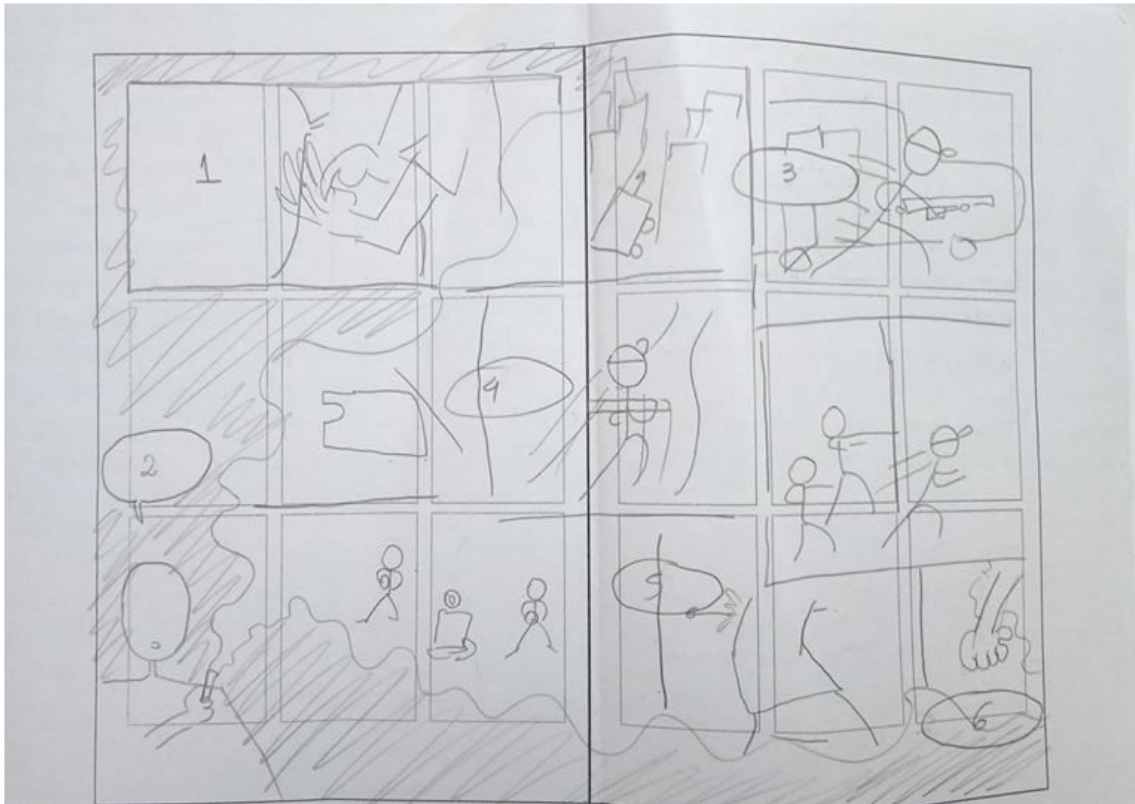


Imagem 22

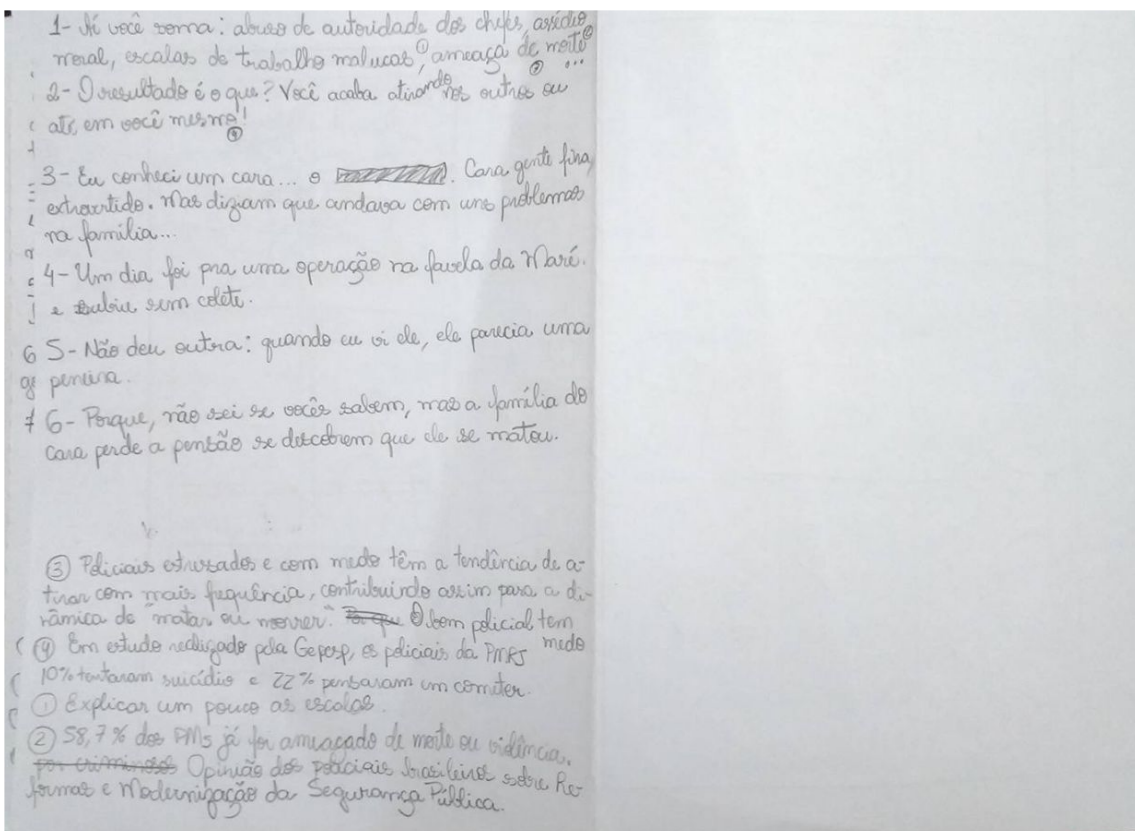


Imagem 24



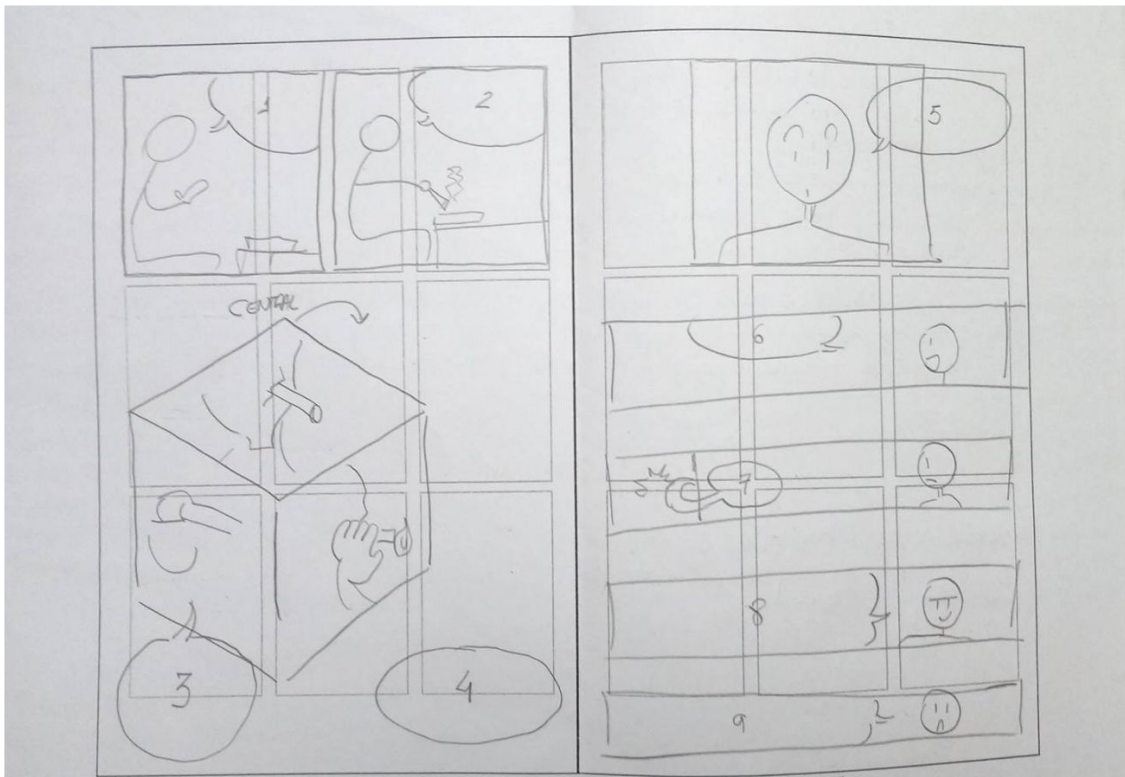


Imagem 24

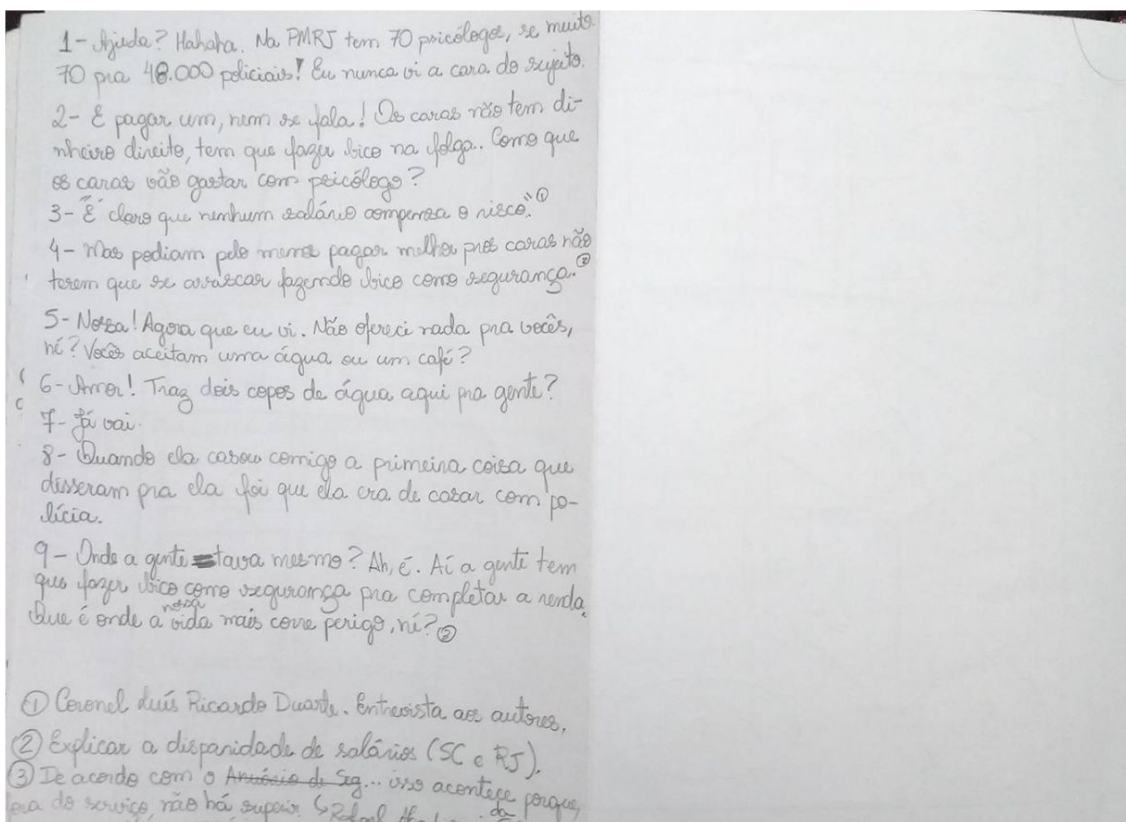


Imagem 25

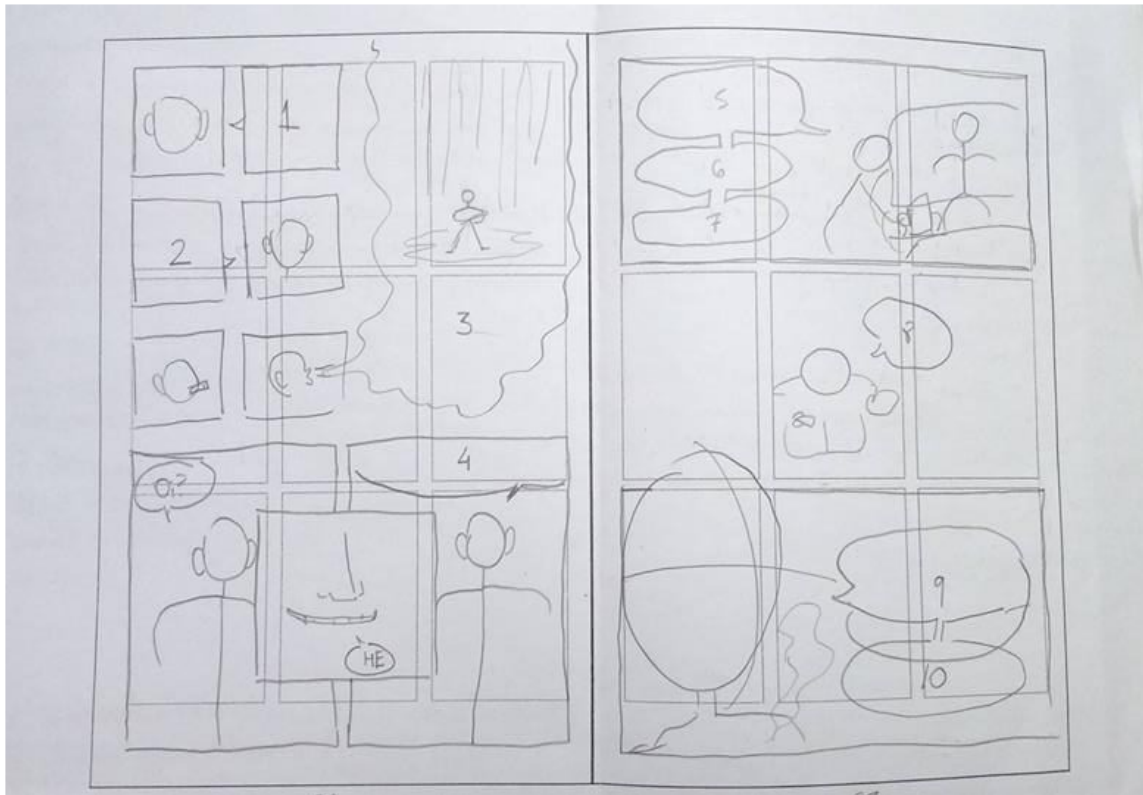


Imagem 26

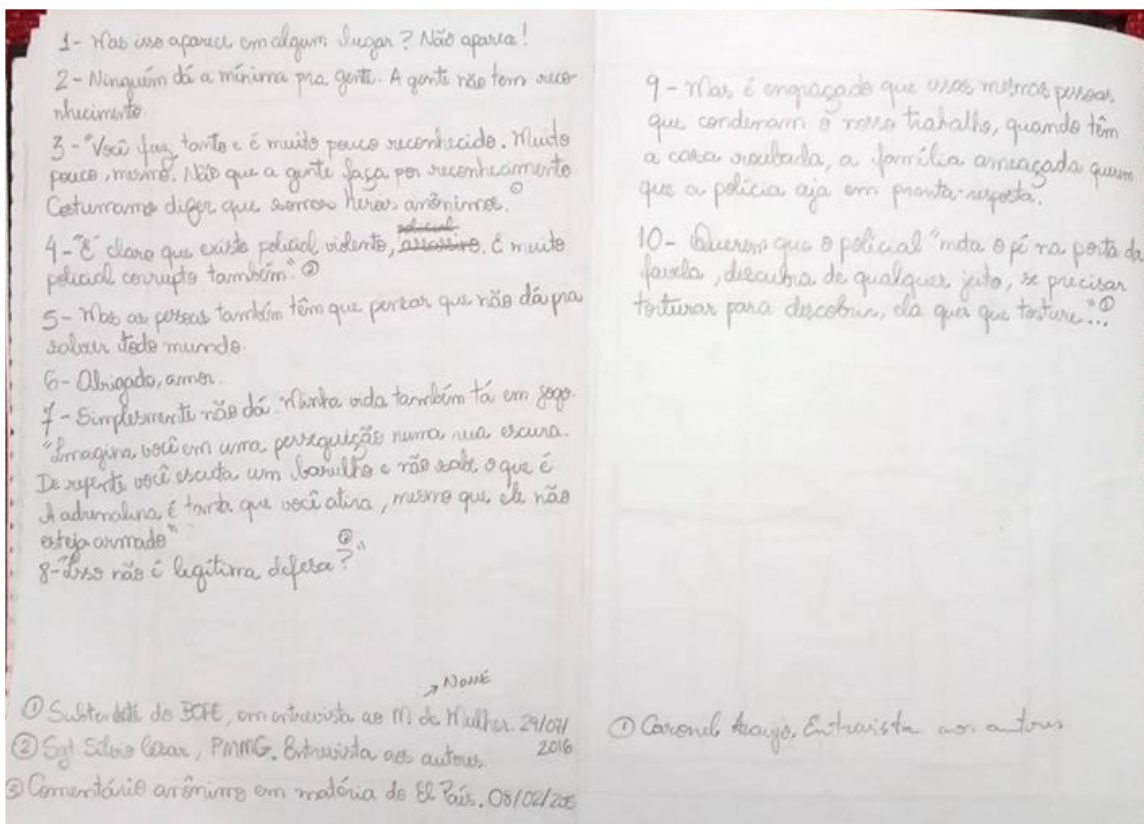


Imagem 27

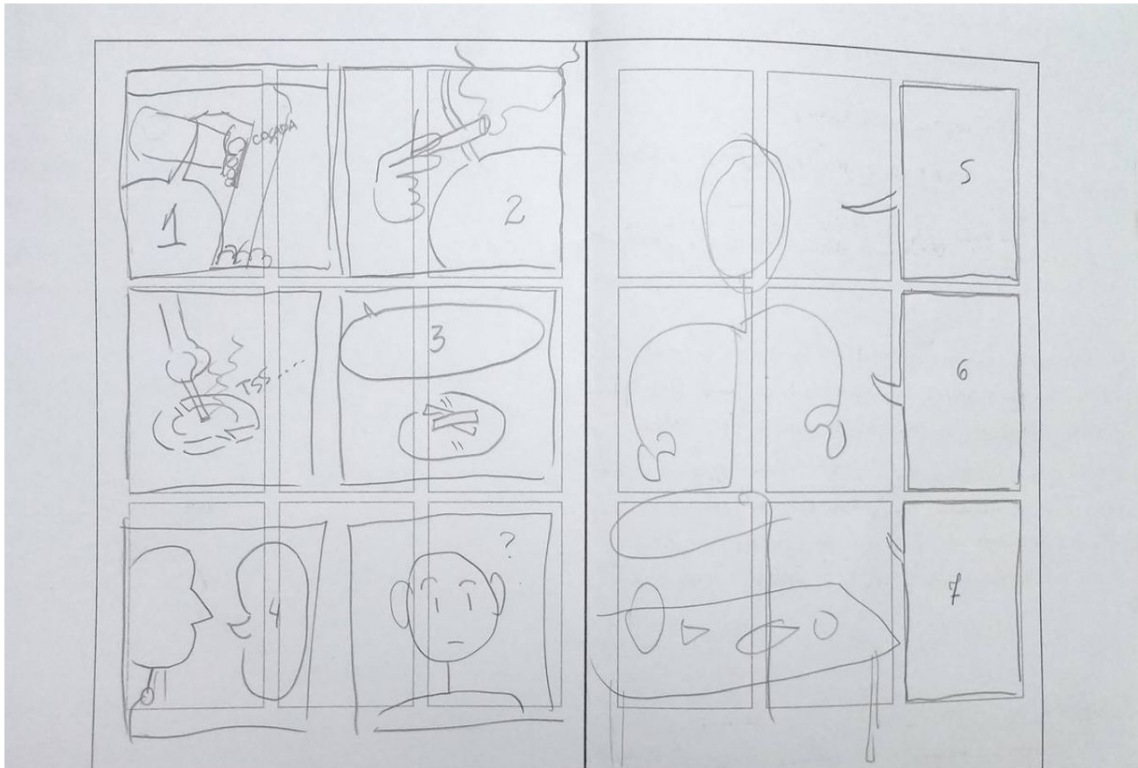


Imagem 28

1- É só o policial fica nessa confusão.

2- "Qualquer decisão que a gente toma, nunca é a decisão certa."

3- Mas eu não culpo a sociedade não...

4- A gente tem uma puta duma sensação de impunidade no Brasil.

5- Na verdade... na verdade a justiça funciona, mas é tanta burocracia que ela demora muito para funcionar, para punir, sabe?

6- A pessoa é presa <sup>por furto</sup> hoje, mas é solta em uma hora. Só vai ser julgada meses, anos depois. Até ela pensa que não vai dar nada e rouba de novo. E fica nisso.

7- Até que um dia, ela é pega... ela é pega numa blitz! Puxam a ficha dela e tem um mandado de prisão em aberto. E aí é cadeia. Presa por um crime de anos atrás. Essa é a justiça brasileira.

① Comentários de @marcelo.

② 27% das pessoas confiam na justiça, segundo pesquisa da FGV. Os policiais, então, nem se fala. Há até uma expressão para essas coisas: "né, prendemos e eles soltam".

Imagem 29

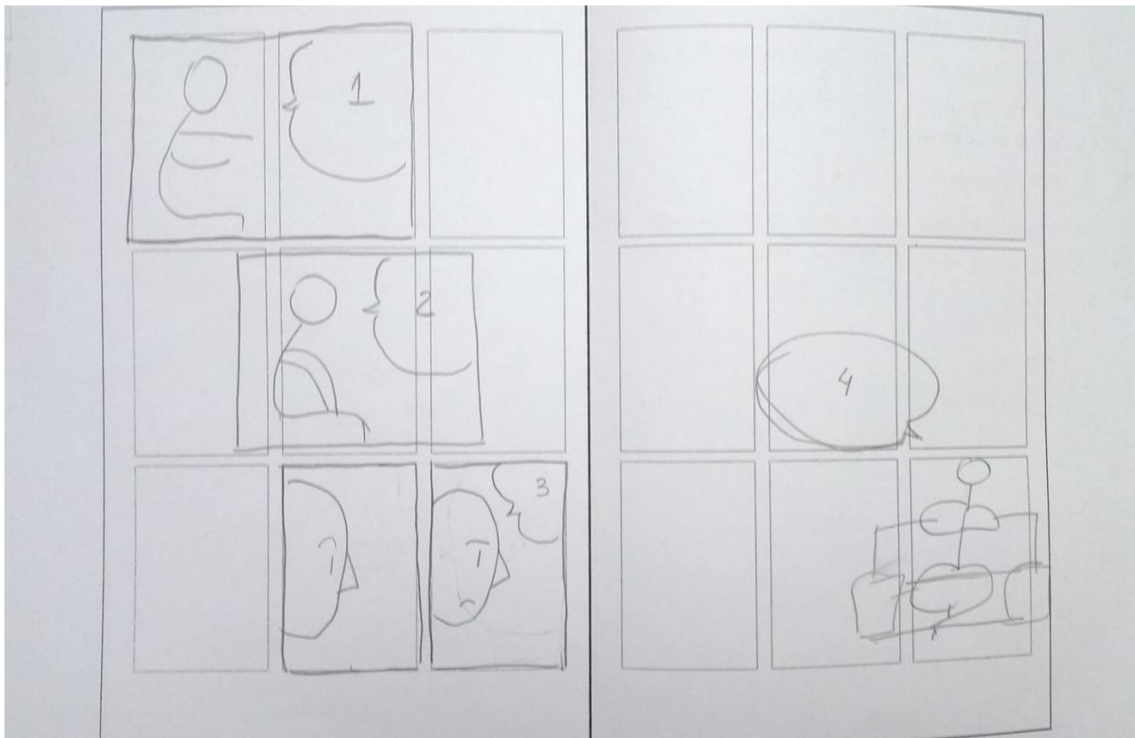


Imagem 30

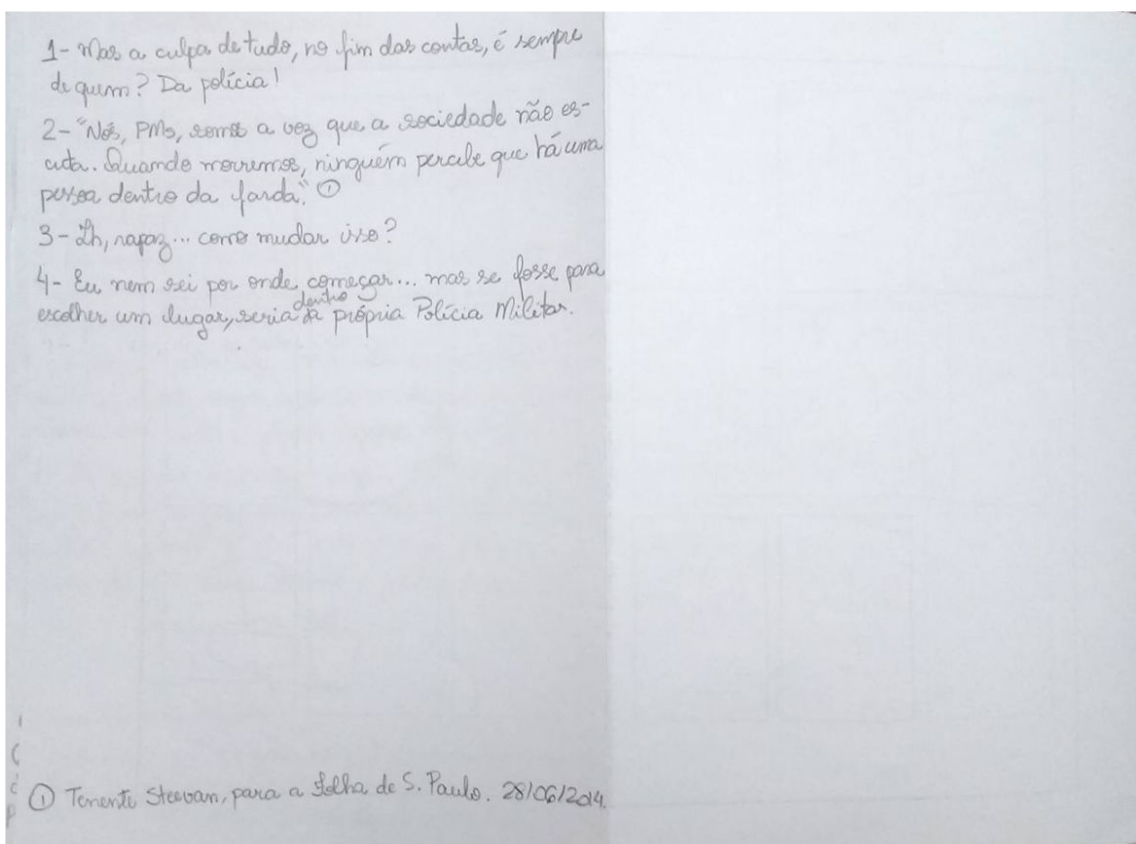


Imagem 31